MONTEIRO LOBATO

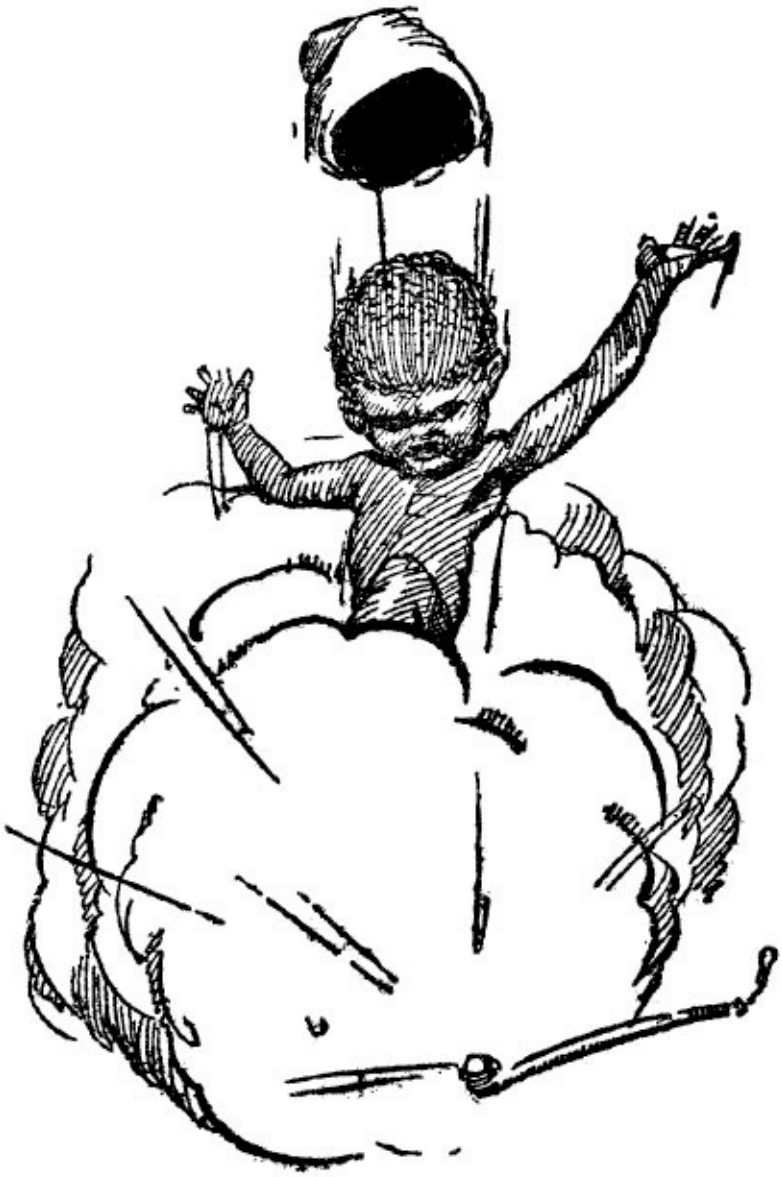
O SACI

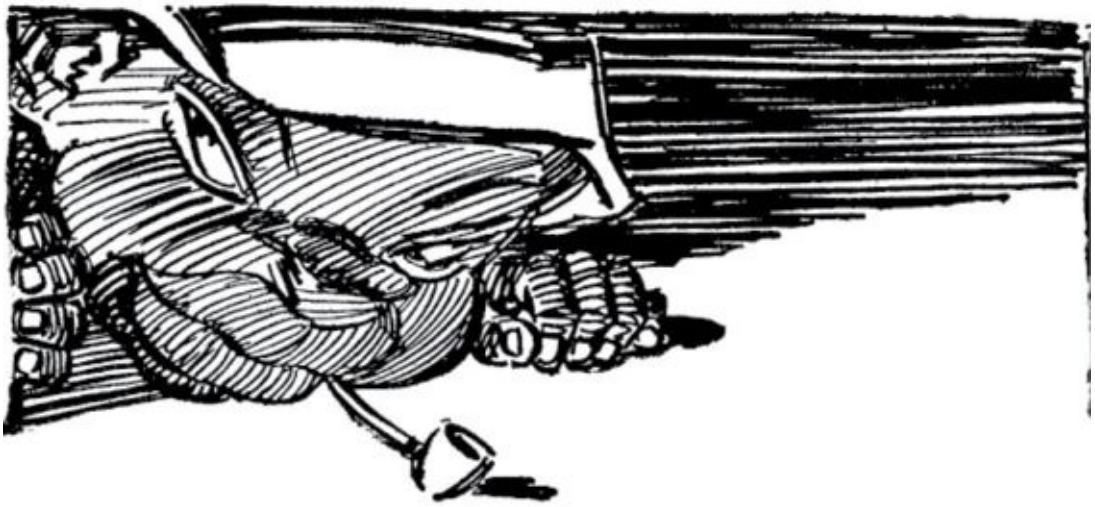






BIBLIOTECA AZUL





O SACI

MONTEIRO LOBATO

BIBLIOTECA AZUL

Copyright © Monteiro Lobato
sob Licença da Agência Artística [2016]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Editora responsável: Ana Lima Cecilio

Editor assistente: Thiago Barbalho

Editor digital: Erick Santos Cardoso

Pesquisa iconográfica: Magno Silveira

Digitalização de imagens: Rafael Souza

Estabelecimento de texto: Huendel Viana e Jane Pessoa

Capa, projeto gráfico e digramação: Mayumi Okuyama

3ª edição, 2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L 777s

Lobato, Monteiro, 1882-1948
O saci / Monteiro Lobato. - [3. ed.] - São Paulo : Biblioteca Azul, 2016.

ISBN 978-85-250-6402-8

1. Ficção infantojuvenil brasileira. i. Título.

16-32814 CDD: 028.5
CDU: 087.5

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Nove de Julho, 5229 – 01407-907 – São Paulo/SP
www.globolivros.com.br

Table of Content

Capa
Folha de rosto
Créditos
Em férias
O sítio de dona benta
Medo de saci
Tio Barnabé
Pedrinho pega um saci
A modorra
A sacizada
A onça
A sucuri
A floresta
Discussão
O jantar
Novas discussões
O medo
O boitatá
O negrinho
Meia-noite
Saída dos sacis
Lobisomem
A mula sem cabeça
Más notícias
Chegam ao sítio
A cuca
O novelo de cipós
O pingo d’água
A iara
Na caverna da Cuca
Desencantamento
Lobato e os sacis
Sobre os ilustradores

em férias



Quando naquela tarde Pedrinho voltou da escola e disse à Dona Tonica que as férias iam começar dali uma semana, a boa senhora perguntou:

— E onde quer passar as férias deste ano, meu filho?

O menino riu-se.

— Que pergunta, mamãe! Pois onde mais, senão no sítio de vovó?

Pedrinho não podia compreender férias passadas em outro lugar que não fosse no Sítio do Picapau Amarelo, em companhia de Narizinho, do Marquês de Rabicó, do Visconde de Sabugosa e da Emília. E tinha de ser assim mesmo, porque Dona Benta era a melhor das vovós; Narizinho, a mais galante das primas; Emília, a mais maluquinha de todas as bonecas; o Marquês de Rabicó, o mais rabicó de todos os marqueses; e o Visconde de Sabugosa, o mais “cômodo”

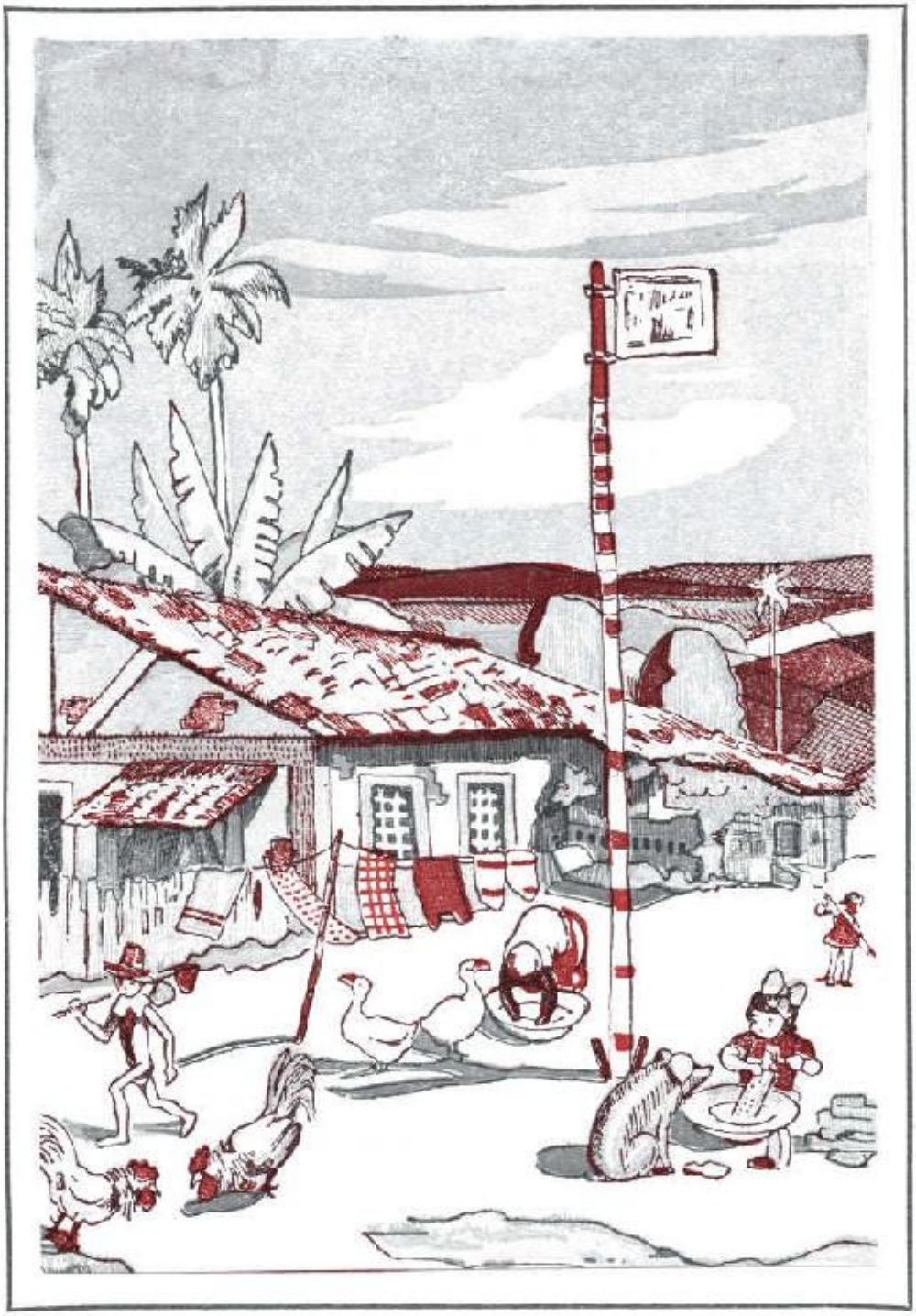
de todos os viscondes. E havia ainda Tia Nastácia, a melhor quituteira deste e de todos os mundos que existem. Quem comia uma vez os seus bolinhos de polvilho não podia nem sequer sentir o cheiro de bolos feitos por outras cozinheiras.

Pedrinho tinha recebido carta de sua prima, dizendo: “Nosso grupo vai este ano completar século e meio de idade e é preciso que você não deixe de vir pelas férias a fim de comemorarmos o grande acontecimento”.

Esse século e meio de idade era contado assim: Dona Benta, 64 anos; Tia Nastácia, 66; Narizinho, 8; Pedrinho, 9. Emília, o Marquês e o Visconde, 1 cada um. Ora, 64 mais 66 mais 8 mais 9 mais 1 mais 1 mais 1, fazem 150 anos, ou seja, um século e meio.

Logo que recebeu essa carta, Pedrinho fez a conta num papel para ver se a pilhava em erro; mas não pilhou.

— É uma danada aquela Narizinho! — disse ele. — Não há meio de errar em contas.



o sítio de dona benta

O sítio de Dona Benta ficava num lugar muito bonito. A casa era das antigas, de cômodos espaçosos e frescos. Havia o quarto de Dona Benta, o maior de todos, e junto o de Narizinho, que morava com sua avó. Havia ainda o “quarto de Pedrinho”, que lá passava as férias todos os anos; e o da Tia Nastácia, a cozinheira e o faz-tudo da casa. Emília e o Visconde não tinham quartos; moravam num cantinho do escritório, onde ficavam as três estantes de livros e a mesa de estudo da menina.

A sala de jantar era bem espaçosa, com janelas dando para o jardim, depois vinha a copa e a cozinha.

— E sala de visitas? Tinha?

— Como não? Uma sala de visitas com piano, sofá de cabiúna, de palhinha tão bem esticada que “cantava” quando Pedrinho batia-lhe tapas. Duas poltronas do mesmo estilo e seis cadeiras. A mesa do centro era de mármore e pés também de cabiúna. Encostadas às paredes havia duas meias mesas também de mármore, cheias de enfeites: três casais de içás vestidos, vários caramujos e estrelas-do-mar, duas redomas com velas dentro, tudo colocado sobre os “pertences” de miçangas feitos por Narizinho. Hoje ninguém mais sabe o que é isso. Pertences eram umas rodelas de crochê que havia em todas as casas, para botar bibelôs em cima; para o lavatório de Dona Benta, Narizinho fizera pertences de crochê; e para a sala de visitas, fizera aqueles de miçanga de várias cores, da bem miudinha.

Antes da sala de visitas havia a sala de espera, com chão de grandes ladrilhos quadrados, “cor de chita cor-de-rosa desbotada”. A sala de espera abria para a varanda. Que varanda gostosa! Cercada de um gradil de madeira, muito singelo, pintado de azul-claro. Da varanda descia-se para o terreiro por uma

escadinha de seis degraus. Nas férias do ano anterior Pedrinho havia plantado em cada canto da varanda um pé de “cortina japonesa”, uma trepadeira que dá uns fios avermelhados da grossura de um barbante, que depois ficam amarelos e descem até quase ao chão, formando uma verdadeira cortina viva. Aquela varanda estava se transformando em jardim, tantas eram as orquídeas que o menino pendurara lá e os vasos de avenca da miúda que ele foi colocando junto à grade.

O jardim ficava nos fundos da sala de jantar, um verdadeiro amor de jardim, só de plantas antigas e fora da moda. Flores do tempo da mocidade de Dona Benta: esporinhas, damas-entre-verdes, suspiros, orelhas-de-macaco, dois pés de jasmim-do-cabo, e outro, muito velho, de jasmim-manga. Plantado na calçada e a subir pela parede, o velhíssimo pé de flor-de-cera, planta que os modernos já não plantam porque custa muito a crescer. Até cravo-de-defunto havia lá, flor com que Narizinho se implicava por ter “cheiro de cemitério”. Bem no centro do jardim havia um tanque redondo com uma cegonha de louça, toda esverdeada de limo, a esguichar água pelo bico. Mas a cegonha já estava sem cabeça, em consequência das pelotadas do bodoque de Pedrinho. Um velho regador verde morava perto do tanque, porque era com a água do tanque que Tia Nastácia regava as plantas no tempo da seca.

— E o pomar?

— O pomar ficava nos fundos da casa, depois do “quintal da cozinha”, onde havia um galinheiro, um tanque de lavar roupa e o puxado da lenha. O poço velho fora fechado depois que Dona Benta mandou encanar a aguinha do morro.



Passado o quintal vinha o pomar — aquela delícia de pomar!

— Por que delícia?

— Porque as árvores eram muito velhas, e árvore quanto mais velha melhor para a beleza e a frescura da sombra. Árvore nova pode ser muito boa para dar frutas bonitas, baixinhas e fáceis de apanhar. Mas para a beleza não há como uma árvore bem velha, bem craquenta, com os galhos revestidos de musgos, liquens e parasitos. Certas árvores do pomar tinham donos. Havia a célebre pitangueira da Emília, as três jabuticabeiras de Pedrinho, a mangueira de manga-espada de Narizinho e os pés de mamão de Tia Nastácia. Até o Visconde tinha sua árvore — um pezinho de romã muito feio e raquítico. O resto das árvores não era de ninguém — era de todos. E quantas! Cambucazeiros, duas jaqueiras, os pés de cabeluda e grumixama, os três pés de sapotis e aquele de fruta-de-conde que “não ia por diante”.



Era tão antigo aquele pomar que os vizinhos até caçoavam. Viviam dizendo: “O pomar de Dona Benta está tão velho que qualquer dia se põe a caducar. As

jaqueiras começam a dar mangas e as mangueiras a dar laranjas”. Mas Dona Benta não fazia caso. Não admitia que se cortasse uma só árvore — nem o pobre pé de fruta-de-conde encarangado. Dizia que cada uma delas lembrava qualquer coisa da sua meninice ou mocidade.

— Este pé de laranja-baiana — costumava dizer — foi o primeiro que tivemos aqui, e dele saíram os enxertos dos outros. Naquele tempo laranja-baiana era uma grande novidade. A muda foi presente do defunto Zé das Bichas, um português muito trabalhador que morava numa chácara perto da vila.

Impossível haver no mundo lugar mais sossegado e fresco, e mais cheio de passarinhos, abelhas e borboletas. Como Dona Benta nunca admitiu por ali nenhum menino de estilingue, a passarinhada se sentia à vontade e fazia seus ninhos como se estivessem na Ilha da Segurança. O próprio bodoque de Pedrinho não funcionava no pomar.

— E que passarinhos havia?

— Oh, tantos!… No tempo das laranjas o pomar enchia-se de sabiás-de-peito-vermelho, amigos de cantar a célebre música-de-sabiá que os pais vão ensinando aos filhotes, sempre igualzinha, sem a menor mudança. E havia os sanhaços cor de cinza clara. E as saíras azuis. E as graúnas pretíssimas. E muito canário-da-terra, muito papa-capim, tizio, pintassilgo, rolinha, corruíla…

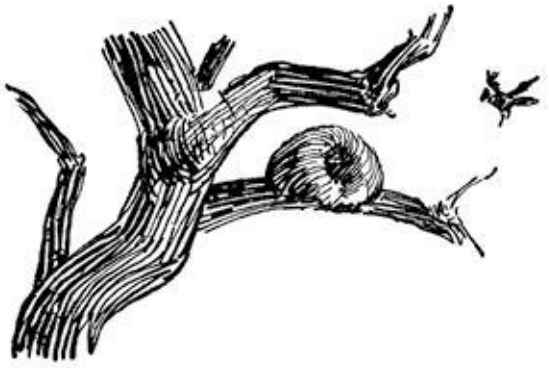
As corruílas eram o encanto da menina, que vivia a observar o jeitinho delas no constante escarafunchamento dos muros carunchados em busca de pequenas aranhas e outros bichinhos moles. Bichinho duro corruíla não quer. E sempre com as penas da cauda erguidas, ninguém sabe por quê. Corruílas cor de telha e mansíssimas. Há também a linda corruíla-do-brejo, que faz aqueles enormes ninhos espinhentos — mas essas nunca apareciam no pomar. Moravam nos brejos.

Às vezes pousavam lá, de passagem, um ou outro tié-sangue, o passarinho mais lindamente vermelho que existe. Mas não se demoravam. Eram arisquíssimos.

— Por que, vovó, justamente os passarinhos mais bonitos são os mais ariscos? — perguntou certa vez a menina.

— Justamente por serem bonitos, minha filha. Os homens perseguem os passarinhos bonitos porque são bonitos — quem quer saber de passarinho feio?

Os tico-ticos, por exemplo: vivem na maior paz em todos os terreiros justamente porque ninguém os persegue. São feinhos, os coitados. Mas apareça aqui um tié-sangue, ou uma saíra daquelas lindas: todos se põem atrás deles, querendo apanhá-los vivos ou mortos. Para a felicidade neste nosso mundo, minha filha, não há como ser tico-tico, isto é, feinho e insignificante…



Mas o rei do pomar era o joão-de-barro. Na paineira grande, bem lá no fundo, moravam dois, num ninho feito de argila, em forma de forno de assar pão. Era o casal mais amigo possível. Não se largavam nunca. Onde estava um, também estava por perto o outro. E se por acaso um se afastava um pouco mais, volta e meia soltava uns gritos como quem pergunta: “Onde você está?” — e o outro respondia: “Estou aqui”. E de vez em quando cantavam juntos aquele terrível dueto que mais parece uma série de marteladas estridentes e alegres.

— Que coisa interessante, vovó! — disse Pedrinho um dia. — Repare que eles sempre cantam ou gritam juntos. Um faz uma parte e outro faz o acompanhamento, como no piano…

E era assim mesmo. São tão amigos que até para cantar “cantam a duas mãos”, como dizia a boneca.

Certo ano o casal resolveu construir um ninho novo em outro galho da paineira, e durante quinze dias o divertimento dos meninos foi acompanhar de longe aquele trabalho. Os dois passarinhos traziam da beira do ribeirão um pelote de barro no bico, e ficavam ali a colocar aquela massa no lugar próprio, e a bicá-la cem vezes para que ficasse bem ligadinha. Enquanto um se ocupava naquilo, o outro voava em busca de mais barro. Nunca estavam os dois no mesmo serviço; revezavam-se. À tardinha interrompiam o trabalho, cantavam o

dueto com toda a força e depois se acomodavam no ninho velho. Tia Nastácia vivia dizendo que nos domingos eles não trabalhavam, mas infelizmente os meninos não puderam tirar a prova duma coisa tão linda.

O mais curioso foi que, depois de acabado o ninho novo, eles, em vez de se mudarem, resolveram fazer um segundo ninho em cima daquele. Quem primeiro notou isso foi o Visconde, que foi, todo assanhado, contar a Dona Benta.

— Venham ver — disse o sabuguinho. — Eles terminaram ontem a construção do ninho novo, mas não se mudaram do velho; em vez disso estão a construir um segundo ninho sobre o novo — uma espécie de segundo andar.

Dona Benta foi com os meninos e viu.

— Por que será, vovó? — quis saber Pedrinho.

— Não sei, meu filho, mas eles devem ter lá as suas razões.

— Eu sei — berrou Emília. — É para alugar!…

Todos riram-se.

— Eu acho — disse Narizinho — que é para acomodar os filhotes quando chegarem ao ponto de voar.

— Isso não — observou Dona Benta. — Porque se os pais construíssem casas para os filhos, estes não aprenderiam a arte da construção e essa arte se perderia. É fazendo que se aprende, já disse o velho Camões.

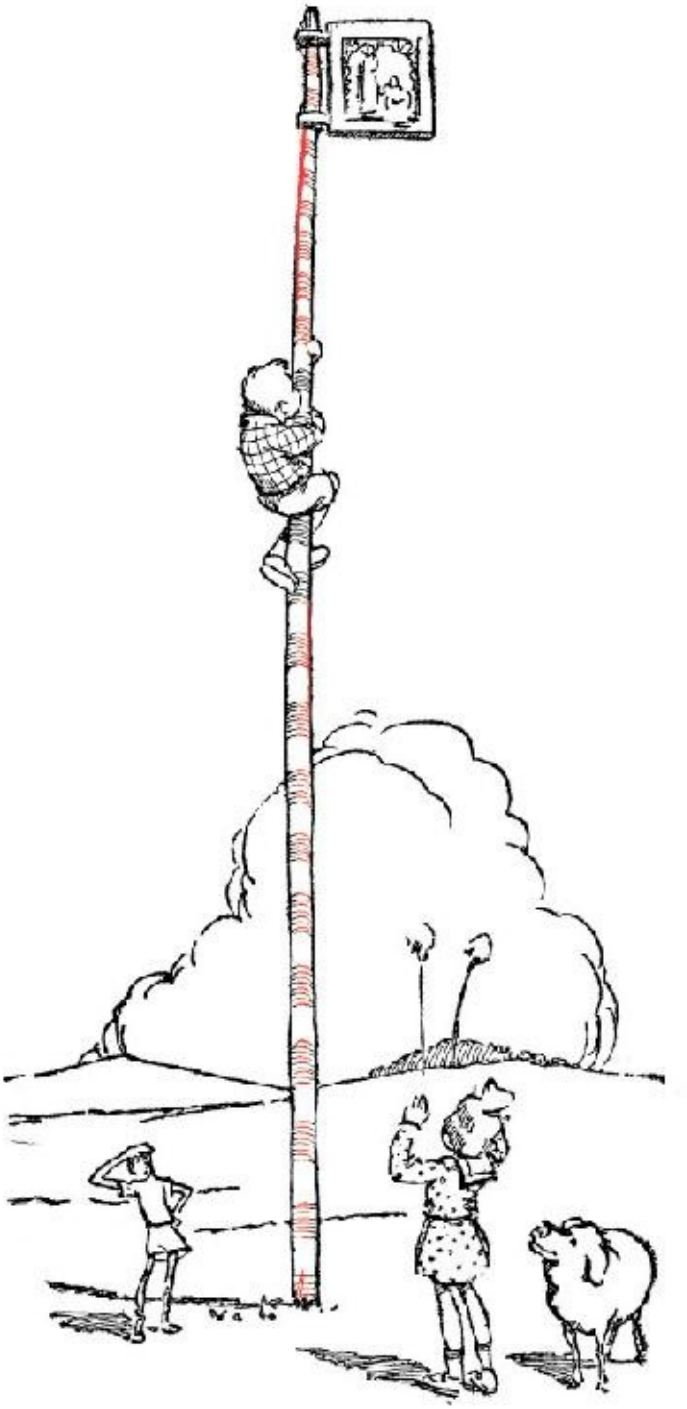
— Mas então esses passarinhos raciocinam, vovó, têm inteligência…

— Está claro que têm, meu filho. A inteligência é uma faculdade que aparece em todos os seres, não só no homem. Até as plantas revelam inteligência. O que há é que a inteligência varia muito de grau. É pequeniníssima nas galinhas e nos perus, mas já bem desenvolvida no joão-de-barro — e é um colosso num homem como Isaac Newton, aquele que descobriu a Lei da Gravitação Universal.

No terreiro do sítio, em frente à varanda, havia sempre um mastro de São João, que Pedrinho fincava na véspera do dia desse santo, a 24 de junho, quando vinha pelas férias. Ele mesmo cortava o pau no mato, ele mesmo o descascava e pintava inteirinho, com arabescos vermelhos, amarelos e azuis. No topo do mastro colocava a “bandeira de São João”, que era um quadrado de sarrafo, espécie de moldura, na qual pregava com tachinhas um retrato de São João meninote com um cordeirinho no braço. Essas bandeiras, estampadas em morim,

custavam $1,50 na venda do Elias Turco, lá na estrada.

O terreiro era vedado por uma cerca de pau a pique — rachões de guarantã. Bem no centro ficava a porteira. Para lá da porteira era o pasto, onde havia um célebre cupim de metro e meio de altura; e mais adiante, um velho cedro ainda do tempo da mata virgem. Através do pasto seguia o “caminho” — ou a estrada que ia ter à vila, a légua e meia dali. No fim do pasto, perto da ponte, apareciam a casinha do Tio Barnabé e a figueira grande; e, bem lá adiante, o Capoeirão dos Tucanos, uma verdadeira mata virgem onde até onça, macucos e jacus havia.



E que mais? Ah, sim, o ribeirão que passava pela casa do Tio Barnabé, cortava o pasto e vinha fazer as divisas do pomar com as terras de plantação. Impossível haver no mundo um ribeirão mais lindo, de água mais limpa, com tantas pedrinhas roliças de todas as cores no fundo. Em certos pontos viam-se pequenas praias de areia branca. Nas curvas a água quase que parava, formando

os célebres “poços” onde Pedrinho pescava lambaris e bagres. As beiras de água rasa eram a zona dos guarus — o peixinho menor que existe.

Aos domingos Tia Nastácia saía a mariscar de peneira. Os meninos davam pulos de alegria. A boa negra metia-se na água até a cintura e ia descendo o ribeirão, com eles a acompanhá-la da margem, aos gritos.

— Aqui, Nastácia, aqui nestes capinzinhos…

A negra, muito cautelosamente, mergulhava a peneira por baixo dos capinzinhos boiantes e suspendia-a de repente, de surpresa. A água escoava-se pelos furos e na peneira aparecia uma porção de vidinhas aquáticas, a saltar e espernejar: guarus barrigudinhos, lambarizinhos novos, pequeninas traíras, e de vez em quando um baratão-d’água muito casquento e feio. E outros bichinhos ainda, incompreensíveis e sem nome. Certo dia a peneira trouxe uma cobra-d’água verde, que a negra jogou sobre o capim da margem. Foi uma gritaria e uma correria das crianças.

— Não tenham medo que não é venenosa! — disse a negra rindo-se com toda a gengivada vermelha de fora. Mas os meninos não quiseram saber de nada. Ficaram a espiar de longe. A cobra-verde foi coleando por entre os capins e se sumiu de novo na água.

O mais importante daquelas mariscagens eram os camarõezinhos de água doce, moles e transparentes, que Tia Nastácia apanhava em quantidade. A carregadeira do samburá (a cestinha redonda que os mariscadores usam para recolher o peixe) era sempre Narizinho. A menina ia passando os camarões da peneira para o samburá, com muito medo de ser mordida. Só os agarrava pelos fios da barba. Pedrinho ria-se: “Boba! Onde se viu camarão morder?”. E ela: “A gente nunca sabe…”.

No jantar daqueles domingos, quando aparecia na mesa o prato-travessa cheio de camarõezinhos fritos, bem pururucas e vermelhos, as crianças até sapateavam de gosto. E, se com os camarõezinhos vinha alguma pequena traíra ou bagre, a disputa era certa.

— A traíra é minha! — berrava um.

— É minha, é minha! — gritava outro.

O remédio era sempre uma das célebres sentenças de Salomão de Dona Benta.

— Como vocês são dois e a traíra é uma só, eu como a traíra e vocês repartem os camarões.

Cessava incontinênti a disputa, e a travessa de camarão ia diminuindo, diminuindo, até não ficar nem um fio de barba.



medo de saci

Pedrinho, naqueles tempos, costumava passar as férias no sítio de Dona Benta, onde brincava de tudo, como está nas *Reinações* e na *Viagem ao céu*. Só não está contado o que lhe aconteceu antes da famosa viagem ao céu, quando andava com a cabeça cheia de sacis.

A coisa foi assim. Estava ele na varanda com os olhos no horizonte, postos lá onde aparecia o verde-escuro do Capoeirão dos Tucanos, a mata virgem do sítio. De repente, disse:

— Vovó, eu ando com ideias de ir caçar na mata virgem.

Dona Benta, ali na sua cadeirinha de pernas cotós, entretida no tricô, ergueu os óculos para a testa.

— Não sabe que naquela mata há onças? — disse com ar sério. — Certa vez uma onça-pintada veio de lá, invadiu aqui o pasto e pegou um lindo novilho da Vaca Mocha.

— Mas eu não tenho medo de onça, vovó! — exclamou Pedrinho, fazendo o mais belo ar de desprezo.

Dona Benta riu-se de tanta coragem.

— Olhem o valentão! Quem foi que naquela tarde entrou aqui berrando com uma ferrotoada de vespa na ponta do nariz?

— Sim, vovó, de vespa eu tenho medo, não nego — mas de onça, não! Se ela vier do meu lado, prego-lhe uma pelotada do meu bodoque novo no olho esquerdo; e outra bem no meio do focinho, e outra…

— Chega! — interrompeu Dona Benta, com medo de levar também uma pelotada. — Mas além de onças existem cobras. Dizem que até urutus há naquele mato.

— Cobra? — e Pedrinho fez outra cara de pouco-caso ainda maior. — Cobra *mata-se* com um pedaço de pau, vovó. Cobra!… Como se eu lá tivesse medo de cobra…

Dona Benta começou a admirar a coragem do neto, mas disse ainda:

— E há aranhas-caranguejeiras, daquelas peludas, enormes, que devoram até filhotes de passarinho.

O menino cuspiu de lado com desprezo e esfregou o pé em cima.

— Aranha mata-se assim, vovó — e seu pé parecia mesmo estar esmagando várias aranhas-caranguejeiras.

— E também há sacis — rematou Dona Benta.

Pedrinho calou-se. Embora nunca o houvesse confessado a ninguém, percebia-se que tinha medo de saci. Nesse ponto não havia nenhuma diferença entre ele, que era da cidade, e os demais meninos nascidos e crescidos na roça.

Todos tinham medo de saci, tais eram as histórias correntes a respeito do endiabrado moleque de uma perna só.

Desde esse dia ficou Pedrinho com o saci na cabeça. Vivia falando em saci e tomando informações a respeito. Quando consultou Tia Nastácia, a resposta da negra foi, depois de fazer o pelo-sinal e dizer “Credo!”:

— Pois saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há — mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum, mas sei quem viu.

— Quem?

— O Tio Barnabé. Fale com ele. Negro sabido está ali! Entende de todas as feitiçarias, e de saci, de mula sem cabeça, de lobisomem — de tudo.

Pedrinho ficou pensativo.



tio barnabé

Tio Barnabé era um negro de mais de oitenta anos que morava no rancho coberto de sapé lá junto da ponte. Pedrinho não disse nada a ninguém e foi vê-lo. Encontrou-o sentado, com o pé direito num toco de pau, à porta de sua casinha, aquentando sol.

— Tio Barnabé, eu vivo querendo saber duma coisa e ninguém me conta direito. Sobre o saci. Será mesmo que existe saci?

O negro deu uma risada gostosa e, depois de encher de fumo picado o velho pito, começou a falar.

— Pois, Seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que “exeste”. Gente da cidade não acredita — mas “exeste”. A primeira vez que vi saci eu tinha assim a sua idade. Isso foi no tempo da escravidão, na Fazenda do Passo Fundo, que era do defunto Major Teotônio, pai desse Coronel Teodorico, compadre de sua avó, Dona Benta. Foi lá que vi o primeiro saci. Depois disso, quantos e quantos!…



— Conte, então, direitinho, o que é o saci. Bem Tia Nastácia me disse que o senhor sabia, que o senhor sabe tudo…

— Como não hei de saber tudo, menino, se já tenho mais de oitenta anos? Quem muito “veve”, muito sabe…

— Então conte. Que é, afinal de contas, o tal saci?

E o negro contou tudo direitinho.

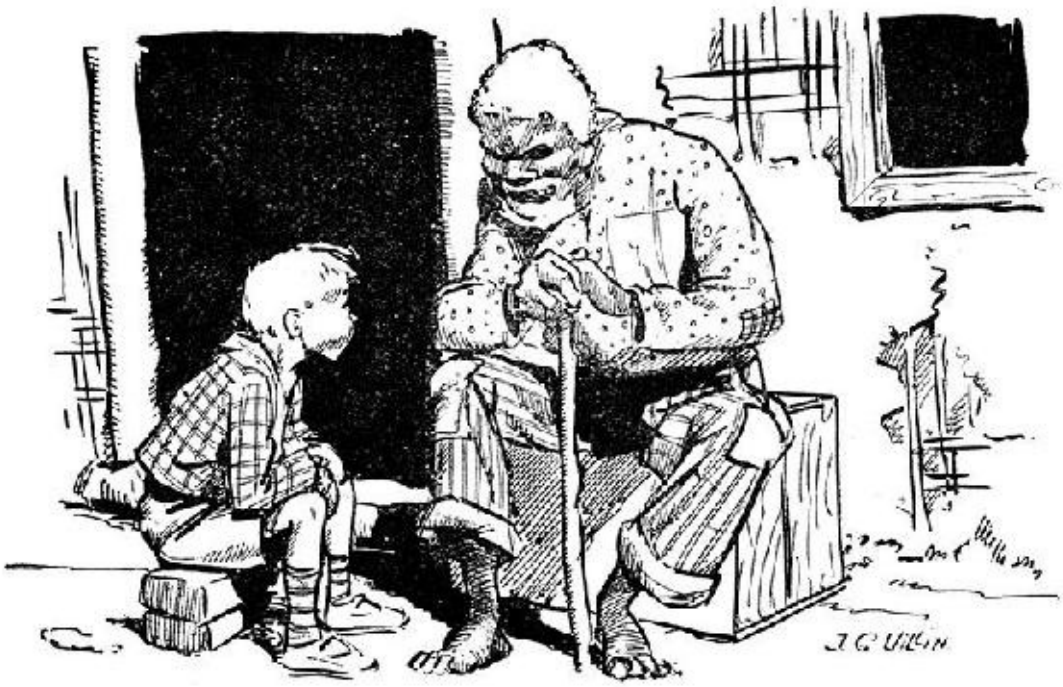
— O saci — começou ele — é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reinações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo.



— Mas que reinações ele faz? — indagou o menino.

— Quantas pode — respondeu o negro. — Azeda o leite, quebra a ponta das agulhas, esconde as tesourinhas de unha, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos, bota moscas na sopa, queima o feijão que está no fogo, gora os ovos das ninhadas. Quando encontra um prego, vira ele de ponta pra riba para que espete o pé do primeiro que passa. Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue deles. O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça.

— E a gente consegue ver o saci?



— Como não? Eu, por exemplo, já vi muitos. Ainda no mês passado andou por aqui um saci mexendo comigo — por sinal que lhe dei uma lição de mestre…

— Como foi? Conte…



Tio Barnabé contou.

— Tinha anoitecido e eu estava sozinho em casa, rezando as minhas rezas. Rezei, e depois me deu vontade de comer pipoca. Fui ali no fumeiro e escolhi uma espiga de milho bem seca. Debulhei o milho numa caçarola, pus a caçarola no fogo e vim para este canto picar fumo pro pito. Nisto ouvi no terreiro um barulhinho que não me engana. “Vai ver que é saci!”, pensei comigo. E era mesmo. Dali a pouco um saci preto que nem carvão, de carapuça vermelha e pitinho na boca, apareceu na janela. Eu imediatamente me encolhi no meu canto e fingi que estava dormindo. Ele espiou de um lado e de outro e por fim pulou para dentro. Veio vindo, chegou pertinho de mim, escutou os meus roncos e convenceu-se de que eu estava mesmo dormindo. Então começou a reinar na casa. Remexeu tudo, que nem mulher velha, sempre farejando o ar com o seu narizinho muito aceso. Nisto o milho começou a chiar na caçarola e ele dirigiu-se para o fogão. Ficou de cócoras no cabo da caçarola, fazendo micagens. Estava “rezando” o milho, como se diz. E adeus pipoca! Cada grão que o saci reza, não rebenta mais, vira piruá.



“Dali saiu pra bulir numa ninhada de ovos que a minha carijó calçuda estava chocando num balaio velho, naquele canto. A pobre galinha quase que morreu de susto. Fez *cró, cró, cró…* e voou do ninho feito uma louca, mais arrepiada que um ouriço-cacheiro. Resultado: o saci rezou os ovos e todos goraram.



“Em seguida pôs-se a procurar o meu pito de barro. Achou o pito naquela mesa, pôs uma brasinha dentro e *paque, paque, paque…* tirou justamente sete fumaçadas. O saci gosta muito do número 7.

“Eu disse cá comigo: ‘Deixe estar, coisa-ruinzinho, que eu ainda apronto uma boa para você. Você há de voltar outro dia e eu te curo’.

“E assim aconteceu. Depois de muito virar e mexer, o sacizinho foi-se embora e eu fiquei armando o meu plano para assim que ele voltasse.”

— E voltou? — inquiriu Pedrinho.

— Como não? Na sexta-feira seguinte apareceu aqui outra vez às mesmas horas. Espiou da janela, ouviu os meus roncos fingidos, pulou para dentro.

Remexeu em tudo, como da primeira vez, e depois foi atrás do pito que eu tinha guardado no mesmo lugar. Pôs o pito na boca e foi ao fogão buscar uma brasinha, que trouxe dançando nas mãos.



— É verdade que ele tem as mãos furadas?

— É, sim. Tem as mãos furadinhas bem no centro da palma; quando carrega brasa, vem brincando com ela, fazendo ela passar de uma para a outra mão pelo furo. Trouxe a brasa, pôs a brasa no pito e sentou-se de pernas cruzadas para fumar com todo o seu sossego.

— Como? — exclamou Pedrinho arregalando os olhos. — Como cruzou as pernas, se saci tem uma perna só?

— Ah, menino, mecê não imagina como saci é arteiro!… Tem uma perna só, sim, mas quando quer *cruza as pernas* como se tivesse duas! São coisas que só ele entende e ninguém pode explicar. Cruzou as pernas e começou a tirar baforadas, uma atrás da outra, muito satisfeito da vida. Mas de repente, *puff!*, aquele estouro e aquela fumaceira!… O saci deu tamanho pinote que foi parar lá longe, e saiu ventando pela janela afora.

Pedrinho fez cara de quem não entende.

— Mas que *puff* foi esse? — perguntou. — Não estou entendendo…

— É que eu tinha socado pólvora no fundo do pito — exclamou Tio

Barnabé dando uma risada gostosa. — A pólvora explodiu justamente quando ele estava tirando a fumaçada número 7, e o saci, com a cara toda sapecada, raspou-se para nunca mais voltar.

— Que pena! — exclamou Pedrinho. — Tanta vontade que eu tinha de conhecer esse saci…



— Mas não há só um saci no mundo, menino. Esse lá se foi e nunca mais aparece por estas bandas, mas quantos outros não andam por aí? Ainda na semana passada apareceu um no pasto de Seu Quincas Teixeira e chupou o sangue daquela égua baia que tem uma estrela na testa.

— Como é que ele chupa o sangue dos animais?

— Muito bem. Faz um estribo na crina, isto é, dá uma laçada na crina do animal de modo que possa enfiar o pé e manter-se em posição de ferrar os dentes numa das veias do pescoço e chupar o sangue, como fazem os morcegos. O pobre animal assusta-se e sai pelos campos na disparada, correndo até não poder mais. O único meio de evitar isso é botar bentinho no pescoço dos animais.

— Bentinho é bom?

— É um porrete. Dando com cruz ou bentinho pela frente, saci fede enxofre e foge com botas-de-sete-léguas.





pedrinho pega um saci

Tão impressionado ficou Pedrinho com esta conversa que dali por diante só pensava em saci, e até começou a enxergar sacis por toda parte. Dona Benta caçoou, dizendo:

— Cuidado! Já vi contar a história de um menino que de tanto pensar em saci acabou virando saci…

Pedrinho não fez caso da história, e um dia, enchendo-se de coragem, resolveu pegar um. Foi de novo em procura do Tio Barnabé.

— Estou resolvido a pegar um saci — disse ele — e quero que o senhor me ensine o melhor meio.

Tio Barnabé riu-se daquela valentia.

— Gosto de ver um menino assim. Bem mostra que é neto do defunto sinhô velho, um homem que não tinha medo nem de mula sem cabeça. Há muitos jeitos de pegar saci, mas o melhor é o de peneira. Arranja-se uma peneira de cruzeta…

— Peneira de cruzeta? — interrompeu o menino. — Que é isso?

— Nunca reparou que certas peneiras têm duas taquaras mais largas que se cruzam bem no meio e servem para reforço? Olhe aqui — e Tio Barnabé mostrou ao menino uma das tais peneiras que estava ali num canto. — Pois bem, arranja-se uma peneira destas e fica-se esperando um dia de vento bem forte, em que haja rodamoinho de poeira e folhas secas. Chegada essa ocasião, vai-se com todo o cuidado para o rodamoinho e *zás!*, joga-se a peneira em cima. Em todos os rodamoinhos há saci dentro, porque fazer rodamoinhos é justamente a principal ocupação dos sacis neste mundo.

— E depois?

— Depois, se a peneira foi bem atirada e o saci ficou preso, é só dar jeito de botar ele dentro de uma garrafa e arrolhar muito bem. Não esquecer de riscar uma cruzinha na rolha, porque o que prende o saci na garrafa não é a rolha e sim a cruzinha riscada nela. É preciso ainda tomar a carapucinha dele e a esconder bem escondida. Saci sem carapuça é como cachimbo sem fumo.

“Eu já tive um saci na garrafa, que me prestava muitos bons serviços. Mas veio aqui um dia aquela mulatinha sapeca que mora na casa do compadre Bastião e tanto lidou com a garrafa que a quebrou. Bateu logo um cheirinho de enxofre. O perneta pulou em cima da sua carapuça, que estava ali naquele prego, e ‘até logo, Tio Barnabé!’.”

Depois de tudo ouvir com a maior atenção, Pedrinho voltou para casa decidido a pegar um saci, custasse o que custasse. Contou o seu projeto a

Narizinho e longamente discutiu com ela sobre o que faria no caso de escravizar um daqueles terríveis capetinhas. Depois de arranjar uma boa peneira de cruzeta, ficou à espera do dia de São Bartolomeu, que é o mais ventoso do ano.

Custou a chegar esse dia, tal era sua impaciência, mas afinal chegou, e desde muito cedo Pedrinho foi postar-se no terreiro, de peneira em punho, à espera de rodamoinhos. Não esperou muito tempo. Um forte rodamoinho formou-se no pasto e veio caminhando para o terreiro.



— É hora! — disse Narizinho. — Aquele que vem vindo está com muito jeito de ter saci dentro.

Pedrinho foi se aproximando pé ante pé e, de repente, *zás!*, jogou a peneira em cima.

— Peguei! — gritou no auge da emoção, debruçando-se com todo o peso do corpo sobre a peneira emborcada. — Peguei o saci!…

A menina correu a ajudá-lo.

— Peguei o saci! — repetiu o menino vitoriosamente. — Corra, Narizinho, e traga-me aquela garrafa escura que deixei na varanda. Depressa!

A menina foi num pé e voltou no outro.

— Enfie a garrafa dentro da peneira — ordenou Pedrinho — enquanto eu cerco dos lados. Assim! Isso!…

A menina fez como ele mandava e com muito jeito a garrafa foi introduzida dentro da peneira.

— Agora tire do meu bolso a rolha que tem uma cruz riscada em cima — continuou Pedrinho. — Essa mesma. Dê cá.

Pela informação do Tio Barnabé, logo que a gente põe a garrafa dentro da peneira o saci por si mesmo entra dentro dela, porque, como todos os filhos das trevas, tem a tendência de procurar sempre o lugar mais escuro. De modo que Pedrinho o mais que tinha a fazer era arrolhar a garrafa e erguer a peneira. Assim fez, e foi com o ar de vitória de quem houvesse conquistado um império que levantou no ar a garrafa para examiná-la contra a luz.



Mas a garrafa estava tão vazia como antes. Nem sombra de saci dentro…

A menina deu-lhe uma vaia e Pedrinho, muito desapontado, foi contar o caso ao Tio Barnabé.



— É assim mesmo — explicou o negro velho. — Saci na garrafa é invisível. A gente só sabe que ele está lá dentro quando a gente cai na modorra. Num dia bem quente, quando os olhos da gente começam a piscar de sono, o saci pega a tomar forma, até que fica perfeitamente visível. É desse momento em diante que a gente faz dele o que quer. Guarde a garrafa bem fechada que garanto que o saci

está dentro dela.

Pedrinho voltou para casa orgulhosíssimo com a sua façanha.

— O saci está aqui dentro, sim — disse ele a Narizinho. — Mas está invisível, como me explicou Tio Barnabé. Para a gente ver o capetinha é preciso cair na modorra — e repetiu as palavras que o negro lhe dissera.

Quem não gostou da brincadeira foi a pobre Tia Nastácia. Como tinha um medo horrível de tudo quanto era mistério, nunca mais chegou nem na porta do quarto de Pedrinho.

— Deus me livre de entrar num quarto onde há garrafa com saci dentro! Credo! Nem sei como Dona Benta consente semelhante coisa em sua casa. Não parece ato de cristão…



a modorra

m dia Pedrinho enganou Dona Benta que ia visitar o Tio Barnabé, mas em vez disso tomou o rumo da mata virgem de seus sonhos. Nem o bodoque levou consigo. “Para que bodoque, se levo o saci na garrafa e ele é uma arma melhor do que quanto canhão ou metralhadora existe?”

Que beleza! Pedrinho nunca supôs que uma floresta virgem fosse tão imponente. Aquelas árvores enormes, velhíssimas, barbadas de musgos e orquídeas; aquelas raízes de fora dando ideia de monstruosas sucuris; aqueles cipós torcidos como se fossem redes; aquela galharada, aquela folharada e sobretudo aquele ambiente de umidade e sombra, lhe causaram uma impressão que nunca mais se apagou.

Volta e meia ouvia um rumor estranho, de inambu ou jacu a esvoaçar por entre a folhagem, ou então, de algum galho podre que tombava do alto e vinha num estardalhaço — *brah, ah, ah…* — esborrachar-se no chão.



E quantas borboletas, das azuis, como cauda de pavão; das cinzentas, como casca de pau; das amarelas, cor de gema de ovo!

E pássaros! Ora um enorme tucano de bico maior que o corpo e lindo papo amarelo. Ora um pica-pau, que interrompia o seu trabalho de bicar a madeira de um tronco para atentar no menino com interrogativa curiosidade.

Até um bando de macaquinhos ele viu, pulando de galho em galho com incrível agilidade e balançando-se, pendurados pela cauda, como pêndulos de relógio.

Pedrinho foi caminhando pela mata adentro até alcançar um ponto onde havia uma água muito límpida, que corria, cheia de barulhinhos mexeriqueiros, por entre velhas pedras verdoengas de limo. Em redor erguiam-se os esbeltos samambaiuçus, esses fetos enormes que parecem palmeiras. E quanta avenca de folhagem mimosa, e quanto musgo pelo chão!

Encantado com a beleza daquele sítio, o menino parou para descansar. Juntou um monte de folhas caídas; fez cama; deitou-se de barriga para o ar e mãos cruzadas na nuca. E ali ficou num enlevo que nunca sentira antes, pensando em mil coisas em que nunca pensara antes, seguindo o voo silencioso das grandes borboletas azuis e embalando-se com o chiar das cigarras.

De repente notou que o saci dentro da garrafa fazia gestos de quem quer dizer qualquer coisa.

Pedrinho não se admirou daquilo. Era tão natural que o capetinha afinal aparecesse…



— Que aconteceu que está assim inquieto, meu caro Saci? — perguntou-lhe em tom brincalhão.

— Aconteceu que este lugar é o mais perigoso da floresta; e que se a noite pilhar você aqui, era uma vez o neto de Dona Benta…

Pedrinho sentiu um arrepio correr-lhe pelo fio da espinha.



— Por quê? — perguntou, olhando ressabiadamente para todos os lados.

— Porque é justamente aqui o coração da mata, ponto de reunião de sacis, lobisomens, bruxas, caiporas e até da mula sem cabeça. Sem meu socorro você estará perdido, porque não há mais tempo de voltar para casa, nem você sabe o caminho. Mas o meu auxílio eu só darei sob uma condição…

— Já sei, restituir a carapuça! — adiantou Pedrinho.

— Isso mesmo. Restituir-me a carapuça e com ela a liberdade. Aceita?

— Que remédio!



Pedrinho sentia muito ver-se obrigado a perder um saci que tanto lhe custara a apanhar, mas, como não tinha outro remédio senão ceder, jurou que o libertaria se o Saci o livrasse dos perigos da noite e pela manhã o reconduzisse, são e salvo, à casa de Dona Benta.

— Muito bem — disse o Saci. — Mas nesse caso você tem de abrir a garrafa e me soltar. Terei assim mais facilidade de ação. Você jurou que me liberta; eu dou minha palavra de saci que mesmo solto o ajudarei em tudo. Depois o acompanharei até o sítio para receber minha carapuça e despedir-me de todos.

Pedrinho soltou o Saci e durante o resto da aventura tratou-o mais como um velho camarada do que como um escravo. Assim que se viu fora da garrafa, o capeta pôs-se a dançar e a fazer cabriolas com tanto prazer que o menino ficou arrependido de por tantos dias ter conservado presa uma criaturinha tão irrequieta e amiga da liberdade.

— Vou revelar os segredos da mata virgem — disse-lhe o Saci — e talvez seja você a primeira criatura humana a conhecer tais segredos. Para começar, temos de ir ao “sacizeiro” onde nasci, onde nasceram meus irmãos e onde todos os sacis se escondem durante o dia, enquanto o sol está de fora. O sol é o nosso maior inimigo. Seus raios espantam-nos para as tocas escuras. Somos os eternos namorados da lua. É por isso que os poetas nos chamam de filhos das trevas.

Sabe o que é trevas?

— Sei. O escuro, a escuridão.

— Pois é isso. Somos filhos das trevas, como os beija-flores, os sabiás e as abelhas são filhos do sol.

Assim falando, o Saci levou o menino para uma cerrada moita de taquaruçus existente num dos pontos mais espessos da floresta.

Pedrinho assombrou-se diante das dimensões daqueles gomos quase da sua altura e grossos que nem uma laranja-de-umbigo.

a sacizada



— É aqui, dentro destes gomos, que se geram e crescem meus irmãos de uma perna só — disse o Saci. — Quando chegam em idade de correr mundo, furam os gomos e saltam fora. Repare quantos gomos furados. De cada um deles já saiu um saci.

Pedrinho viu que era exato o que ele dizia e mostrou desejos de abrir um gomo para espiar um sacizinho novo ainda preso lá dentro.

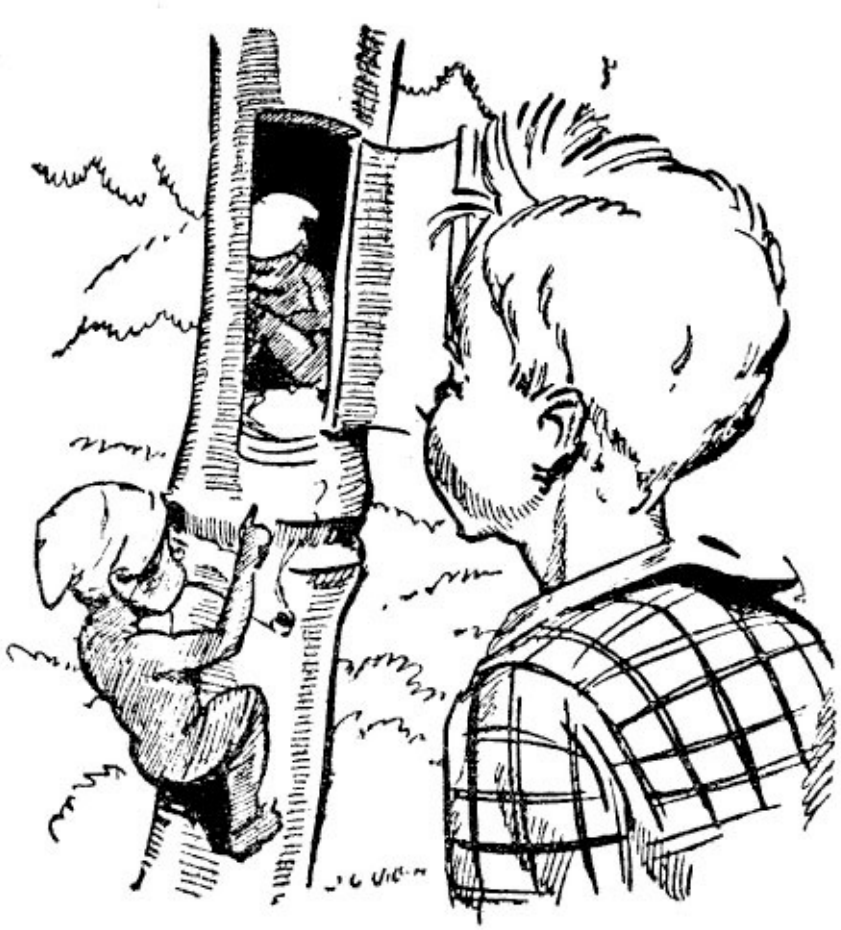
— Vou satisfazer a sua curiosidade, Pedrinho, mas não posso revelar o segredo de furar os gomos; portanto, vire-se de costas.



O menino virou-se de costas, assim ficando até que o Saci dissesse: “Pronto!”. Só então desvirou-se e com grande admiração viu aberta num gomo uma perfeita janelinha.

— Posso espiar? — perguntou.

— Espie, mas com um olho só — respondeu o Saci. — Se espiar com os dois, o sacizinho acorda e joga nos seus olhos a brasa do pitinho.



O menino assim fez. Espiou com um olho só e viu um sacizinho do tamanho de um camundongo, já de pitinho aceso na boca e carapucinha na cabeça. Estava todo encolhido no fundo do gomo.

— Que galanteza! — exclamou Pedrinho. — Que pena o povo lá de casa não estar aqui para ver esta maravilha!

— Esse sacizinho ainda fica aí durante quatro anos. A conta da nossa vida dentro dos gomos é de sete anos. Depois saímos para viver no mundo setenta e sete anos justos. Alcançando essa idade, viramos cogumelos venenosos, ou orelhas-de-pau.

Pedrinho regalou-se de contemplar o sacizete adormecido e ali ficaria horas se o Saci o não puxasse pela manga.

— Chega — disse ele. — Vire-se de costas outra vez, que é tempo de fechar a janelinha.

Pedrinho obedeceu, e quando de novo olhou não conseguiu perceber no

gomo do taquaruçu o menor sinal da janelinha.

Justamente nesse instante um formidável miado de gato feriu os seus ouvidos.

— É o jaguar! — exclamou o Saci. — Trepemos depressa numa árvore, porque ele vem vindo nesta direção.

Pedrinho, tomado de pânico, fez gesto de subir na primeira árvore que viu à sua frente, um velho jacarandá coberto de barbas-de-pau.



— Nessa, não! — berrou o Saci. — É muito grossa; o jaguar treparia atrás de nós. Temos que escolher uma de casca bem lisa e tronco esguio. Aquele guarantã ali está ótimo — concluiu, apontando para uma árvore bastante alta e magrinha de tronco, que se via à esquerda.

Subiram — e nunca em sua vida Pedrinho subiu tão depressa em uma árvore! Tinha a impressão de que o terrível tigre dos sertões estava atrás dele, já de boca aberta para o engolir vivo. Mas era ilusão apenas, filha do medo, pois a fera miou outra vez e o Saci calculou pelo som que ainda deveria estar a cem

metros dali. Pedrinho ajeitou-se como pôde numa forquilha da árvore, lá ficando quietinho ao lado do Saci.

Preparou-se para ver uma fera sobre a qual vivia falando, mas sem ter a respeito ideia justa. Ia ver a famosa onça-pintada, esse gatão que muito lembra a pantera das matas da Índia.



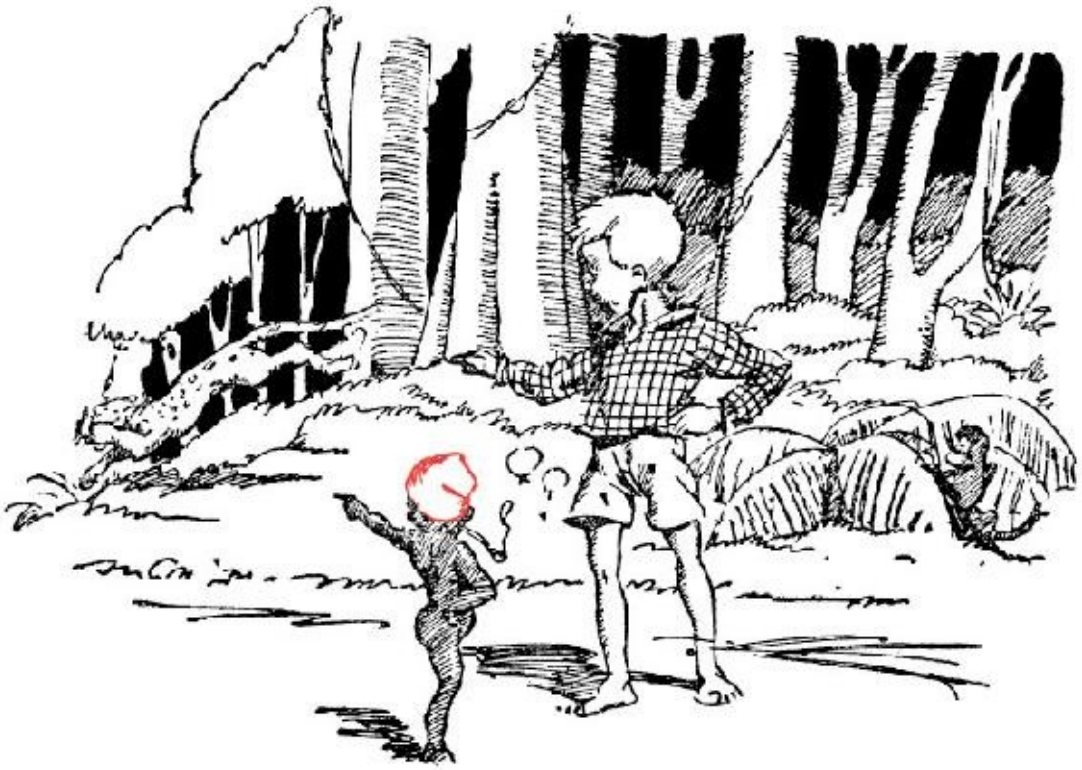
a onça



O miado soou de novo, desta vez bem perto, e logo depois surgiu por entre as folhas a cabeça de uma formidável onça-pintada. Era um animal de extrema beleza, quase tão grande como o tigre-de-Bengala. Parou; farejou o ar. Depois ergueu os olhos para a árvore. Dando com o menino e o Saci lá em cima, soltou um rugido de satisfação, como quem diz: “Achei o meu jantar!”. E tentou subir à árvore. Vendo que isso lhe era impossível, sacudiu o tronco tão violentamente

que por um triz Pedrinho não veio abaixo, como se fosse jaca madura. Mas não caiu, e a onça, desanimada, resolveu esperar que ele descesse. Sentou-se nas patas traseiras e ali ficou quieta, só movendo a cauda e passando de quando em quando a língua pelos beiços.

— Ela é capaz de permanecer nessa posição três dias e três noites — disse o Saci. — Temos que inventar um meio de afugentá-la.



Olhou em redor, examinando as árvores como quem está com uma ideia na cabeça. Depois saltou para a mais próxima e foi de copa em copa até uma que estava cheia de grandes vagens. Escolheu meia dúzia das mais secas e voltou para junto do menino.

— Apare nas mãos o pó que vou deixar cair destas vagens — disse ele, abrindo com os dentes uma delas.

Pedrinho estendeu as mãos em forma de cuia e o Saci sacudiu dentro um pó amarelado. O mesmo foi feito com as outras vagens.

— Bem. Agora derrame este pó bem a prumo, de modo que vá cair sobre a cara da onça.

Pedrinho colocou-se em linha vertical com a fera e derramou de um jato o pó amarelo.

Foi uma beleza aquilo! Quando o pó caiu sobre os olhos da onça, ela deu tamanho pinote que foi parar a cinco metros de distância, sumindo-se em seguida pelo mato adentro, a urrar de dor e a esfregar os olhos como se quisesse arrancá-los.

Pedrinho deu uma risada gostosa.

— Que diabo de pó é este, amigo Saci? — perguntou. — Vejo que vale mais que uma boa carabina…

— Isso se chama pó-de-mico. Arde nos olhos como pimenta e dá na pele uma tal coceira que a vítima até se coçará com um ralo de ralar coco, se o tiver ao alcance da mão.

Pedrinho escorregou árvore abaixo, ainda a rir-se da pobre onça. Mas não se riu por muito tempo. Mal tinha dado alguns passos, recuou espavorido.





a sucuri

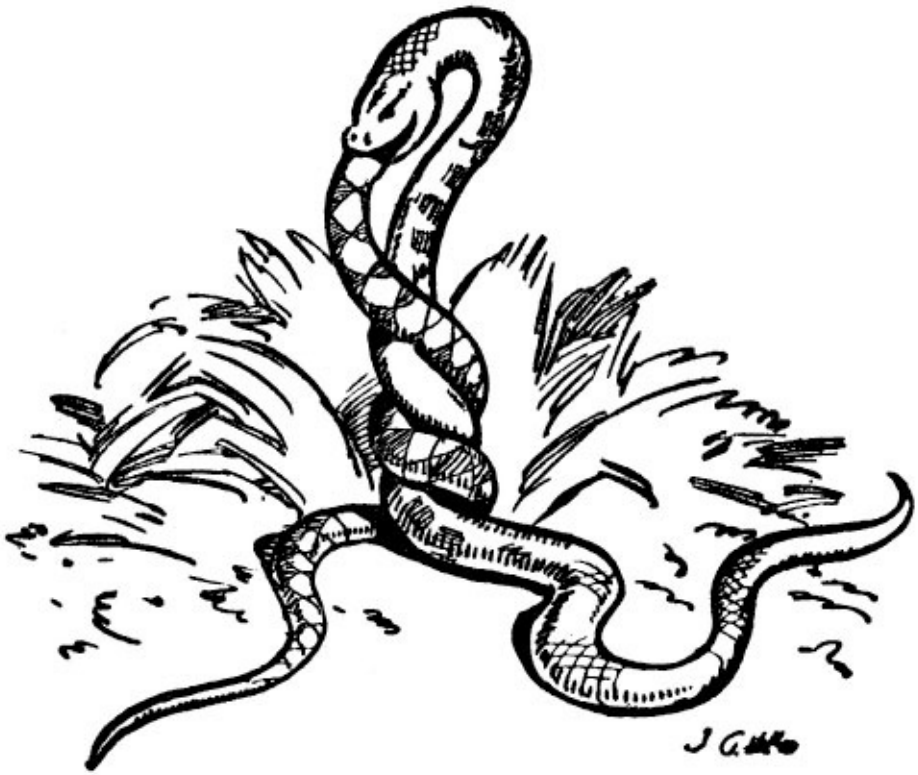
— Um monstro! Acuda, Saci! Um monstro com corpo de cobra e cabeça de boi!… — gritou Pedrinho, trepando de novo no guarantã com velocidade ainda maior que da primeira vez.

O Saci foi ver o que era e voltou dizendo:

— É uma sucuri que acaba de engolir um boi. Desça que não há perigo. Ela está dormindo e dormirá assim dois ou três meses até que o boi esteja digerido.

Apesar da confiança que o Saci lhe merecia, o menino foi pulando de árvore em árvore para só descer a cem passos dali. Mas como a tentação de ver a sucuri fosse grande, foi voltando, voltando, até chegar em ponto de onde pudesse observá-la à vontade.

Era das maiores que se poderiam encontrar, devendo ter pelo menos uns trinta metros de comprimento e a grossura da cabeça de um homem. Pedrinho não podia compreender como um boi inteiro pudesse caber dentro dela.



— Muito simples — explicou o Saci. — A sucuri enlaça o boi, quebra-lhe todos os ossos e amassa-o de tal maneira que o torna comprido como chouriço. Depois cobre-lhe o corpo de uma baba muito lubrificante e começa a engoli-lo sem pressa. Vai indo, vai indo, até que dá com o boi inteiro no estômago; só ficam de fora a cabeça e os chifres. E leva meses assim, até que a digestão se complete. Quando está nesse estado, a sucuri não oferece perigo nenhum, porque fica inerte, caída em estado de sonolência.

E não foi só essa cobra que Pedrinho conheceu naquele dia. Logo depois percebeu um ruído seco de guizos. Era uma cascavel que passava, muito aflita, como que fugindo de algum inimigo.

— Que será que a está perseguindo? — indagou ele.

— Alguma muçurana — respondeu o Saci. — As muçuranas são cobras sem veneno que só se alimentam de cobras venenosas. Lá vem uma!

De fato, uma muçurana de cor escura surgiu no rastro da cascavel, que foi alcançada logo adiante.

Luta terrível! Pedrinho nunca imaginou um tal espetáculo. A muçurana enleou-se na cascavel e as duas rebolaram no chão como minhocas loucas. Muito tempo estiveram assim. Finalmente a cascavel morreu sufocada, e a

muçurana engoliu-a inteirinha, apesar de serem ambas do mesmo tamanho.

— Que horror! — exclamou Pedrinho. — A vida nesta floresta não tem sossego. Só agora compreendo por que os animais selvagens são tão assustados. A vida deles corre um risco permanente, de modo que só escapam os que estão com todos os sentidos sempre alerta.

— É o que os sábios chamam a luta pela vida. Uma criatura vive da outra. Uma come a outra. Mas, para que uma criatura possa comer outra, é preciso que seja mais forte — do contrário vai comer e sai comida.

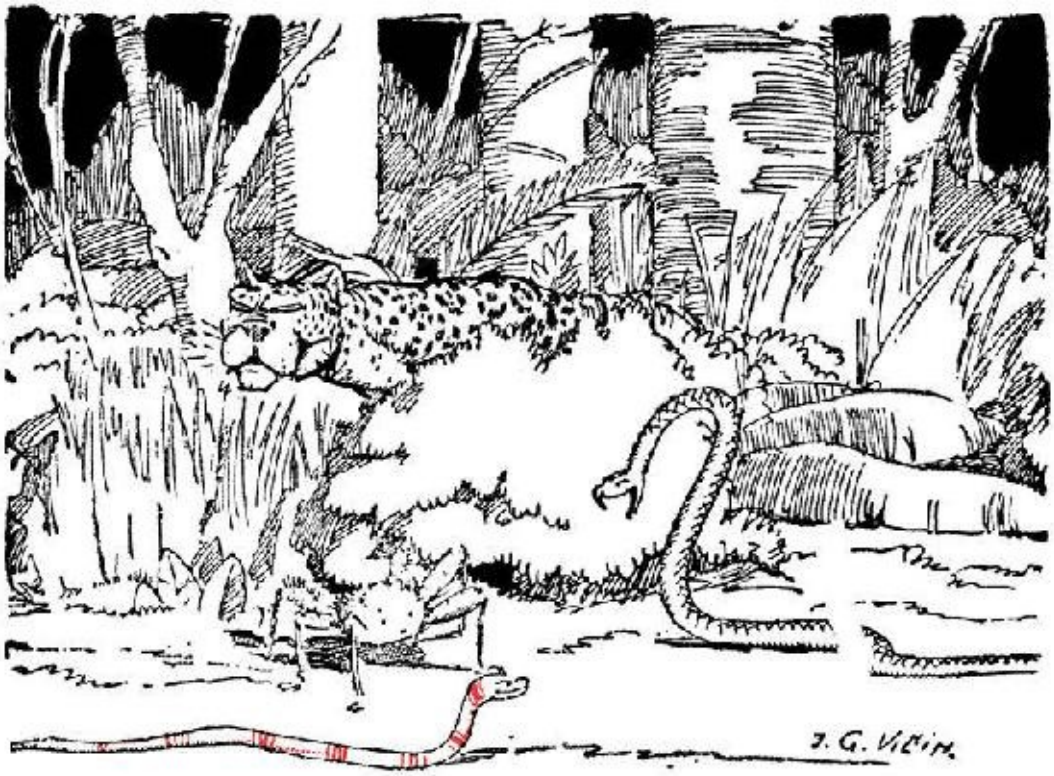
— Mais forte só?

— Mais forte ou mais esperta. Aqui na mata todos procuram ser fortes. Os que não conseguem ser fortes tratam de ser espertos. Na maior parte dos casos a esperteza vale mais do que a força. Os sacis, por exemplo, não são fortes — mas ninguém os vence em esperteza.

Pois assim é — continuou o Saci. — A lei da floresta é a lei de quem pode mais: ou por ter mais força, ou por ser mais ágil, ou por ser mais astuto. A astúcia, principalmente, é uma grande coisa na floresta. Está vendo ali aquele galhinho seco?

— Sim. Um galhinho como outro qualquer — respondeu o menino.

— Pois está muito enganado — replicou o Saci. — Não é galho nenhum, sim um bichinho que finge de galho seco para não ser atacado pelos inimigos.



Pedrinho não quis acreditar, mas cutucando o galhinho viu que ele se mexia. Ficou assombrado da esperteza.

— Bem diz vovó que a mata é perigosa! Um que não sabe há de levar cada logro aqui…



— E aquilo? — perguntou o Saci apontando para uma folha. — Que parece a você que aquilo é?

Pedrinho olhou; viu bem que era uma folha de árvore; mas como já estava ficando sabido nas traições da floresta, piscou para o Saci e disse:

— Desta vez não caio na esparrela. Parece que é uma folha, mas com certeza é outro bichinho que se disfarça em folha. — E cutucou-a para ver se

mexia. A folha, porém, não se mexeu.

— É folha mesmo, bobinho! — disse o Saci dando uma risada. — Inda é muito cedo para você "ler" a mata. Isto é livro que só nós, que aqui nascemos e vivemos toda vida, somos capazes de interpretar. Um menino da cidade, como você, entende tanto da natureza como eu entendo de grego.

— Realmente, Saci! Estou vendo que aqui na mata sou um perfeito bobinho. Mas deixe estar que ainda ficarei tão sabido como você.

— Sim, com o tempo e muita observação. Quem observa e estuda, acaba sabendo. Aqui, porém, nós não precisamos estudar. Nascemos sabendo. Temos o instinto de tudo. Qualquer desses bichinhos que você vê, mal sai do casulo e já se mostra espertíssimo, não precisando dos conselhos dos pais. Bem consideradas as coisas, Pedrinho, parece que não há animal mais estúpido e lerdo para aprender do que o homem, não acha?

O orgulho do menino ofendeu-se com aquela observação. Um miserável saci a fazer pouco-caso do rei dos animais! Era só o que faltava…

— O que você está dizendo — replicou Pedrinho — é tolice pura sem mistura. O homem é o rei dos animais. Só o homem tem inteligência. Só ele sabe construir casas de todo jeito, e máquinas, pontes, e aeroplanos, e tudo quanto há. Ah, o homem! Você não sabe o que o homem é, Saci! Era preciso que tivesse lido os livros que eu li em casa da vovó…

discussão



O saci deu uma gargalhada.

— Que gabolice! — exclamou. — Casas? Qual é o bichinho que não constrói sua casa na perfeição? Veja a das abelhas, ou a das formigas, ou os casulos. Poderão existir habitações mais perfeitas? Todos aqui na mata moram. Cada um inventa o seu jeito de morar. Todos moram. Todos, portanto, têm suas casinhas, onde ficam muito mais bem abrigados do que os homens lá nas casas deles. O caramujo, esse então até inventou o sistema de carregar a casa às costas. É o mais esperto. Vai andando. Assim que o perigo se aproxima, arreia a casa e mete-se dentro.

— Casa, vá lá — disse Pedrinho meio convencido. — Mas aeroplano? Que bichinho daqui seria capaz de construir aviões como nós homens os construímos?

Outra risada do Saci.



— Olhe, Pedrinho, você está-me saindo tão bobo que até me causa dó. Aviões! Pois não vê que o avião é a mais atrasada máquina de voar que existe? Aqui os bichinhos de asas estão de tal modo adiantados que nenhum precisa de mostrengos como o tal avião. Todos possuem no corpo um aparelho de voar aperfeiçoadíssimo. Não vê que voam, bobo? Outro dia assisti a uma cena muito interessante. Eu estava perto duma lagoa cheia de patos, quando um avião passou voando por cima das nossas cabeças. Os patos entreolharam-se e riram-se. Você sabe, Pedrinho, que bicho estúpido é o pato. Pois mesmo assim um deles disse com muita sabedoria: “Parece incrível que os homens se gabem de ter inventado uma coisa que nós já usamos há tantos milhares de anos…”.

— Sim — continuou Pedrinho —, mas nós sabemos ler e vocês não sabem.

— Ler! E para que serve ler? Se o homem é a mais boba de todas as criaturas, de que adianta saber ler? Que é ler? Ler é um jeito de saber o que os outros pensaram. Mas que adianta a um bobo saber o que outro bobo pensou?

Era demais aquilo. Pedrinho encheu-se de cólera.

— Não continue, Saci! Você está me ofendendo. O homem não é nada do que você diz. O homem é a glória da natureza.

— Glória da natureza! — exclamou o capetinha com ironia. — Ou está repetindo como papagaio o que ouviu alguém falar ou então você não raciocina. Inda ontem ouvi Dona Benta ler num jornal os horrores da guerra na Europa. Basta que entre os homens haja isso que eles chamam guerra para que sejam classificados como as criaturas mais estúpidas que existem. Para que guerra?

— E vocês aqui não usam guerras também? Não vivem a perseguir e comer uns aos outros?

— Sim; um comer o outro é a lei da vida. Cada criatura tem o direito de viver e para isso está autorizada a matar e comer o mais fraco. Mas vocês homens fazem guerra sem ser movidos pela fome. Matam o inimigo e não o comem. Está errado. A lei da vida manda que só se mate para comer. Matar por matar é crime. E só entre os homens existe isso de matar por matar — por esporte, por glória, como eles dizem. Qual, Pedrinho, não se meta a defender o bicho homem que você se estrepa. E trate de fazer como Peter Pan, que embirrou de não crescer para ficar sempre menino, porque não há nada mais sem graça do que gente grande. Se todos os meninos do mundo fizessem greve, como Peter Pan, e nenhum crescesse, a humanidade endireitaria. A vida lá entre os homens só vale enquanto vocês se conservam meninos. Depois que crescem, os homens viram uma calamidade, não acha? Só os homens grandes fazem guerra. Basta isso. Os meninos apenas brincam de guerra.

Pedrinho nada respondeu. Estava um tanto abalado pelas estranhas ideias do Saci. Quando voltasse para casa iria consultar Dona Benta para saber se era assim mesmo ou não.



o jantar



O sol já estava descambando e o menino sentiu fome.

Havia esquecido de trazer matalotagem.

— Amigo Saci, estou sentindo uma coisa chamada fome. Mostre-me a sua habilidade em sair-se de todos os apuros, arranjando um jantar.

— Nada mais fácil — respondeu o pernetinha. — Gosta de palmito?

— Gosto, sim. Mas como poderemos derrubar uma palmeira tão alta para colher o palmito? Sem machado é impossível.

O Saci deu uma risada.

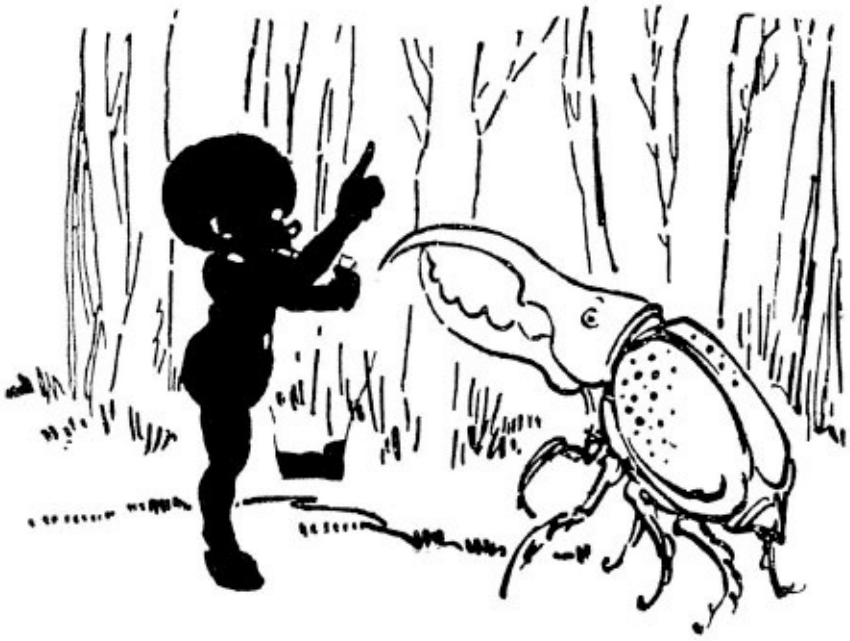
— Não há impossíveis para mim, quer ver? — e metendo dois dedos na boca tirou um agudo assobio.

Imediatamente um enorme besourão, chamado serra-pau, surgiu do seio da floresta. O Saci fez-lhe uns sinais e o besourão, voando para o alto duma palmeira de tronco fino, mas muito alta, abarcou a base do palmito entre os seus ferrões dentados como um serrote e começou a girar com grande velocidade, zunindo como um aeroplano — *zunnn…*

Em menos de cinco minutos o tronco da palmeira estava serrado, e o palmito, acompanhado da copa, veio com grande estardalhaço ao chão.

— Bravos! — exclamou o menino. — Nunca imaginei que nesta mata houvesse serrador tão hábil. Quero agora ver como você prepara o petisco.

— Muito fácil — disse o Saci. — Fogo não falta. Tenho sempre fogo no meu pitinho. Panelas também não faltam. É só procurar por aí alguma casca de tatu. Água temos dentro dos gomos de taquara; basta rachar um ou dois. E para gordura, é só quebrar uma porção de coquinhos e espremer entre duas pedras o óleo das amêndoas.



— E sal?

— É o mais difícil; mas como há mel, você comerá palmito preparado sob forma de doce, que é ainda mais gostoso.

E assim foi feito. Em menos de vinte minutos estava diante de Pedrinho uma casca de tatu cheia de um doce de palmito muito bem preparado. O menino comeu a fartar e ainda teve uma sobremesa de amoras-do-mato, que o Saci colheu ali mesmo.

— Há muito tempo que não como com tanto apetite! — comentou Pedrinho depois que encheu o papo. — Você é um cozinheiro ainda melhor que Tia Nastácia, que é a primeira cozinheira do mundo.

E, dando tapinhas na barriga, pôs-se a palitar os dentes com um comprido espinho de brejaúva.

A tarde ia morrendo. Não tardou que Pedrinho visse brilhar no céu, por

entre uma nesga aberta na copa das árvores, a primeira estrelinha.

Que coisa impressionante era a noite! Até aquele momento Pedrinho ainda não havia prestado atenção nisso. Noite em casa não é noite. Acende-se o lampião, fecha-se a porta da rua — e que é da noite?

Mas ali, oh, ali a noite o era de verdade — das imensas, das completamente escuras, apenas com aqueles vaga-lumes parados no céu que os homens chamam estrelas…



novas discussões



Tinham de esperar a meia-noite, porque só a essa hora é que os duendes da floresta saem de suas tocas. Para matar o tempo, o Saci começou a explicar a Pedrinho o que era a vida na natureza.

— Você nunca poderá fazer ideia da vida encantada que temos por aqui — disse ele.

— Ora, ora! — exclamou o menino. — Não há o que os homens não saibam. Vovó tem lá uma História Natural que conta tudo.

O Saci riu-se e tirou uma baforada do pitinho.

— Tudo? Ah, ah, ah!… Livros como esse não contam nem isca do que é, e estão cheios de invenções ou erros. Basta dizer que para cada inseto seria preciso um livro inteiro só para contar alguma coisa da vidinha deles. E quantos insetos existem? Milhões…

— Em todo caso — volveu Pedrinho — nós, homens, pomos o que sabemos nos livros e vocês, sacis, não escrevem coisa nenhuma. Nunca houve livros entre vocês, e quem não escreve obras não pode ensinar aos filhos o que sabe.

— Não temos livros — disse o Saci — porque não precisamos de livros. Nosso sistema de saber as coisas é diferente. Nós *adivinhamos* as coisas. Herdamos a sabedoria de nossos pais, como vocês, homens, herdam propriedades ou dinheiro. Nascer sabendo! Isso é que é o bom. Um pernilongo, por exemplo. Sabe como é a vidinha dele? Nasce na água, saído de um ovinho. Logo que sai do ovinho ainda não é pernilongo — é o que vocês chamam "larva" — uma espécie de peixinho que nada e mergulha muito bem. Um dia essa larva cria asas, pernas compridas e voa. E que faz quando voa?

— Vai cantar a música do *fiun* e picar as pessoas que estão dormindo em suas camas. É isso o que esses malvadinhos fazem.

— Muito bem! — tornou o Saci. — E quem ensina o pernilongo a fazer isso? Os pais? Não, porque depois de soltar os ovos na água os pais dos pernilonguinhos morrem. Os livros? Não, porque eles não têm livros. Pois apesar disso sabem tudo quanto precisam saber. Sabem que no corpo das gentes há sangue, e que o sangue é o alimento deles. Sabem que as gentes moram em casas. Sabem que a melhor hora de sugar o sangue das gentes é de noite, porque estão dormindo. E sem que os pais lhes ensinem coisa nenhuma, ou que as aprendam nos livros, os pernilonguinhos logo que saem da água vão em busca das casas, entram, escondem-se nos escuros, esperam que todos durmam e sossegadamente picam as pessoas e enchem de sangue as suas barriguinhas. Depois escapam pelas janelas e voltam à mata ou outros sítios, em procura de aguinhas paradas onde porem os ovos. E assim eternamente. Sabem tudo direitinho — e ninguém os ensina. Logo, eles têm a ciência de tudo dentro de si mesmos, como vocês têm tripas e estômago e pacuera.



Pedrinho teve de concordar que era assim mesmo. O Saci continuou:

— E como fazem os pernilongos, assim também fazem todas as outras vidinhas aqui da floresta. Cada qual *nasce sabendo fazer o certo* — e não erram. Os grilos nascem sabendo abrir buracos. Há um inseto chamado bombardeiro. Se outro maior o ataca, vira-se de costas e lança-lhe no focinho um líquido que se evapora imediatamente e tonteia o inimigo. Quando este volta a si, o bombardeiro já está longe. Quem o ensina a fazer isso? Ninguém. Nasce sabendo. Certos besouros, quando querem pôr ovos, fazem o seguinte: pegam uma pequena quantidade de esterco e a vão rolando pelo chão com as patas detrás. Para quê? Para formar uma bola. Quando o esterco está uma bola bem redondinha, eles a furam e botam lá dentro os ovos. Quem ensina esses besouros a fazer essas bolas tão redondinhas? Os pais? Não! Algum livro? Não! Eles nascem sabendo.



— Sim — disse Pedrinho. — Nascem sabendo e nós temos de aprender com os nossos pais ou nos livros. Isso só prova o nosso valor. Que mérito há em nascer sabendo? Nenhum. Mas há muito mérito em não saber e aprender pelo estudo.

— Perfeitamente — concordou o Saci. — Não nego o mérito do esforço dos homens. O que digo é que eles são seres atrasadíssimos — tão atrasados que *ainda precisam* aprender por si mesmos. E nós somos seres aperfeiçoadíssimos porque já não precisamos aprender coisa nenhuma. Já nascemos sabidos. Que é que você preferia: ter nascido já com toda a ciência da vida lá dentro ou ter de ir aprendendo tudo com o maior esforço e à custa de muitos erros?

O menino foi obrigado a concordar que o mais cômodo seria nascer sabendo.

— Sim, nesse ponto você tem razão, Saci. Mas que é que faz todas essas vidinhas viverem? Está aí uma coisa que minha cabeça não compreende.



— Ah, isso é o segredo dos segredos! — respondeu o Saci. — Nem nós

sabemos. Mas o que acontece é o seguinte: dentro de cada criatura, bichinho ou plantinha, há uma força que a empurra para a frente. Essa força é a Vida. Empurra e diz no ouvido das criaturinhas o que elas devem fazer. A vida é uma fada invisível. É ela que faz o pernilongo ir picar as pessoas nas casas de noite; e que manda o grilo abrir buracos; e que ensina o bombardeiro a bombardear seus atacantes.

— Mas é invisível até para vocês, sacis, que enxergam mais coisas do que nós, homens? — perguntou Pedrinho.



— Sim. Eu que enxergo tudo nunca pude ver a fada Vida. Só vejo os efeitos dela. Quando um passarinho voa, eu vejo o voo do passarinho, mas não vejo a

fada dentro dele a empurrá-lo.

— Então ela deve ser como a gasolina dos automóveis. Sem gasolina os carros não andam.

— Perfeitamente — concordou o Saci —, mas com uma diferença: nos automóveis a gente vê e cheira a gasolina, mas a Gasolina-Vida ninguém ainda conseguiu ver nem cheirar.

— E morrer? Que é morrer? A Vida então acaba, como a gasolina do automóvel?

— A Vida muda-se de um ser para outro. Quando o ser já está muito velho e escangalhado, a Vida acha que não vale mais a pena continuar lidando com ele e abandona-o. Vai movimentar um novo ser. A fada invisível diverte-se com isso.

Pedrinho ficou muito impressionado. A fada invisível também morava dentro dele, e o empurrava para a frente. Era quem o fazia ter fome e comer, ter sede e beber, ter sono e dormir, querer coisas e procurá-las. Mas um dia essa boa fada se enjoaria dele. Por quê? Porque ele já estaria de cabelos brancos e sem os dentes naturais, e com reumatismo nas juntas, e catacego e com a pele toda enrugada, e com o coração tão fraco que até subir a escadinha da varanda seria uma proeza. E então a fada torceria o nariz e se enjoaria dele — “Sabe que mais, Senhor Pedrinho? Você está um caco velho e eu não gosto disso. Vou procurar outro ente” — e o abandonaria e ele então morreria.

Essa ideia entristeceu Pedrinho, porque a ideia que não entristece ninguém é bem outra: é a ideia de não morrer nunca, nunca…

Conversou a respeito com o Saci.

— Ora, ora! — disse este. — O que morre é o corpo só, a parte que em nós tem menos importância. A grande coisa que há em nós, e nos diferencia das pedras e dos paus podres, que é? A Vida. E essa não morre nunca — muda-se de um ser para outro. Tal qual a eletricidade. Quando a pequena bateria daquela lâmpada elétrica que você tem se descarrega, a bateria morre — mas morreu a eletricidade? Não. Apenas mudou-se. Saiu daquela bateria e foi para outra, ou foi para as nuvens, ou foi para onde quis. Assim como a eletricidade não morre, a Vida também não morre. A Vida é uma espécie de eletricidade.



— Mas eu não queria que fosse assim — lamentou Pedrinho. — Tenho dó do meu corpo. Estas mãos, por exemplo — disse ele abrindo-as. — Estou tão acostumado com elas… Desde pequenininho que estas mãos fazem tudo o que eu quero, e fico triste de lembrar que um dia vão ficar paradas, mortas…

— Pior do que perder as mãos é perder os olhos — disse o Saci. — Já reparou como é triste não ter olhos, ou tê-los e não ver nada? Feche os olhos bem fechados.

Pedrinho fechou-os bem fechados. O Saci disse:

— Pois quando a fada invisível abandonar o seu corpo, Pedrinho, seus olhos vão ficar assim, cegos — como se não existissem. E nunca mais esses olhos, que hoje veem tanta coisa, verão coisa nenhuma. Nunca mais, nunca mais…

Pedrinho sentiu uma tristeza tão grande que quase chorou — mas o Saci deu uma grande risada.

— Bobo! O que nesses seus olhos enxerga, não são os olhos: é a fada invisível que há dentro de você. A fada é como o astrônomo no telescópio; e os olhos são como o telescópio do astrônomo. Qual é o mais importante: o telescópio ou o astrônomo?

— É o astrônomo — disse Pedrinho.

— Pois então alegre-se, porque o astrônomo não morre nunca. O telescópio é que se desarranja e quebra…



o medo

Longamente filosofaram os dois, lá debaixo da grande peroba que os abrigava do sereno da noite. A floresta tinha uma vida noturna tão intensa quanto a vida diurna. Entre os homens tudo para durante certa parte da noite, mas na floresta a vida continua, porque uns seres dormem de dia e vivem de noite e outros dormem de noite e vivem de dia. Assim que os sabiás, sanhaços e tico-ticos se recolhem aos seus pousos ou ninhos, começam a sair das tocas as corujas e morcegos. E as borboletas e mariposas noturnas vêm substituir as borboletas e mariposas diurnas, que adormecem logo que chega a noite. E as caças medrosas, tão perseguidas pelos homens, saem de noite a pastar e beber água nos rios. E os vaga-lumes, que de dia não deixam os lugares escurinhos, começam a piscar por toda parte com as suas lanterninhas.

— Esses eu sei — disse o menino. — A vida desses animais eu conheço mais ou menos. O que me interessa agora é a vida dos tais “entes das trevas”, como diz Tia Nastácia — os misteriosos — os que uns dizem que existem e outros juram que não existem.

— Compreendo — disse o Saci. — Você refere-se aos chamados “duendes”, “monstros”, “capetas”, “gnomos” etc…

— Isso mesmo, amigo Saci. Ando desconfiado que tudo não passa de sonho. Eu não via nada na garrafa antes de ter caído naquela modorra. Assim que a modorra chegou, você apareceu na garrafa e começou a falar. Desconfio que estou sonhando… Desconfio que isto é um pesadelo… Nos pesadelos é que aparecem monstros horríveis. Por quê? Por que é que há coisas horríveis?

— Por causa do *medo*, Pedrinho. Sabe o que é medo?



O menino gabava-se de não ter medo de nada, exceto de vespa e outros bichinhos venenosos. Mas não ter medo é uma coisa e saber que o *medo* existe é outra. Pedrinho sabia que o *medo* existe porque diversas vezes o seu coração pulara de medo. E respondeu:

— Sei, sim. O medo vem da incerteza.

— Isso mesmo — disse o Saci. — A mãe do medo é a *incerteza* e o pai do medo é o *escuro*. Enquanto houver escuro no mundo, haverá medo. E enquanto

houver medo, haverá monstros como os que você vai ver.

— Mas se a gente vê esses monstros, então eles existem.

— Perfeitamente. Existem para quem os vê e não existem para quem não os vê. Por isso digo que os monstros existem e não existem.

— Não entendo — declarou Pedrinho. — Se existem, existem. Se não existem, não existem. Uma coisa não pode ao mesmo tempo existir e não existir.

— Bobinho! — declarou o Saci. — Uma coisa existe quando a gente acredita nela; e como uns acreditam em monstros e outros não acreditam, os monstros existem e não existem.

Aquela filosofia do Saci já estava dando dor de cabeça no menino, o qual suspirou e disse:

— Basta, amigo Saci. Não quero mais saber de filosofias, quero conhecer os segredos da noite na floresta. Mostre-me os filhos do medo que você conhece. Desde que há tanta gente medrosa no mundo, deve haver muitos filhos do medo.

— Se há! — exclamou o Saci. — Os medrosos são os maiores criadores das coisas que existem. Não tem conta o que lhes sai da imaginação. As mitologias daqueles velhos povos estão cheias de terríveis criações do medo. Aqui nestas Américas temos também muitas criações do medo, não só dos índios chamados aborígines, como dos negros que vieram da África.

Pedrinho lembrou-se do Tio Barnabé, que era africano.

— Tio Barnabé, por exemplo — disse ele —, é um danado para saber essas coisas. Conhece todos os filhos do medo. Foi ele quem me explicou o caso dos sacis. Conte-me no que é que os índios acreditavam.

— Os índios — começou o Saci — não usavam durante a noite aquelas luzes que Dona Benta usa lá no sítio — aqueles lampiões de querosene. Nem usavam a luz elétrica que há nas cidades. Só usavam fogueirinhas de pouca luz e por isso o medo entre os índios era grande. Quanto maior é o escuro, maior o medo; e quanto maior o medo, mais coisas a imaginação vai criando. Já ouviu falar no Jurupari?

— Não…

— Pois é o diabo dos índios, o espírito mau que aparece nos sonhos e transforma os sonhos em pesadelos horríveis. Insônia, mal-estar, inquietação, tudo que é desagradável vem desse Jurupari.



— Mas como é ele?

— Um espírito sem forma. Um espírito mau que se diverte em agarrar os que estão dormindo e causar-lhes todos os horrores dos pesadelos. E parece que segura as vítimas pela garganta, porque elas esperneiam e se debatem, mas não podem gritar.

— Oh, eu já tive um pesadelo assim! — disse o menino. — Lembro-me muito bem. Eu ia caindo num buracão enorme. Quis gritar por vovó, mas foi inútil. A voz não saía…

— Pois era o Jurupari que estava apertando a sua garganta. O divertimento dele é esse. Anda de casa em casa provocando pesadelos horríveis nos que encontra dormindo.

Nesse momento um ruído entre as folhas chamou a atenção de ambos.

— *Psit!*… — fez o Saci. — Atenção… Qualquer coisa vem vindo…

Ficaram os dois imóveis. O coração de Pedrinho batia apressado.

— O Curupira! — sussurrou o Saci, quando um vulto apareceu. — Veja… Tem cabelos e pés virados para trás.



— Parece um menino peludo — murmurou Pedrinho.

— E é isso mesmo. É um menino peludo que toma conta da caça nas florestas. Só admite que os caçadores cacem para comer. Aos que matam por matar, de malvadeza, e aos que matam fêmeas com filhotes que ainda não podem viver por si mesmos, o Curupira persegue sem dó.

— Bem feito! Mas como os persegue?

— De mil maneiras. Uma das maneiras é disfarçar-se em caça e ir iludindo o caçador até que ele se perca no mato e morra de fome. Outra maneira é transformar em caça os amigos, os filhos ou a mulher do caçador, de modo que sejam mortos por ele mesmo.

Pedrinho achou que não podia haver nada mais justo. O Saci prosseguiu:

— Esse que vai passando está a pé, mas em regra o Curupira anda montado num veado e traz na mão uma vara de japecanga.

— Que é japecanga?

— Uma planta que é remédio para doença do sangue. Também é conhecida como salsaparrilha.



— E por que anda com essa vara de japecanga? Que ideia!

— Não sei. Ele é que sabe. E o Curupira tem um cachorro de nome Papamel que não o larga. Assim que avista um caminhante na estrada, começa logo a cantar:

Currupaco, papaco

Currupaco, papaco…

— Isso é cantiga de papagaio! — lembrou Pedrinho. — Na casa do Coronel Teodorico há um que só diz isso.

— Pois foi com o Curupira que os papagaios aprenderam o currupaco. Papagaio não inventa palavras, apenas repete as que ouve.

Mas o Curupira, com os seus pés voltados para trás, não se demorou muito por ali. Descobriu um rasto de paca e lá se foi, com certeza para ver como ela ia passando em sua toca.

— Que horas serão? — perguntou o menino.

O Saci respondeu que faltava pouco para meia-noite.

— Como sabe?

— Por aquela flor — respondeu o Saci indicando uma flor que não estava de todo aberta. — É o meu relógio aqui. Só abre completamente à meia-noite…



o boitatá

Eu ouço falar na Iara e no Boitatá. Será que poderei ver um deles hoje? — perguntou Pedrinho.

— A Iara pode — respondeu o Saci — porque há uma que mora por aqui em certo ponto do rio; mas Boitatá, não. Só existe lá pelo Sul.

— Como é?

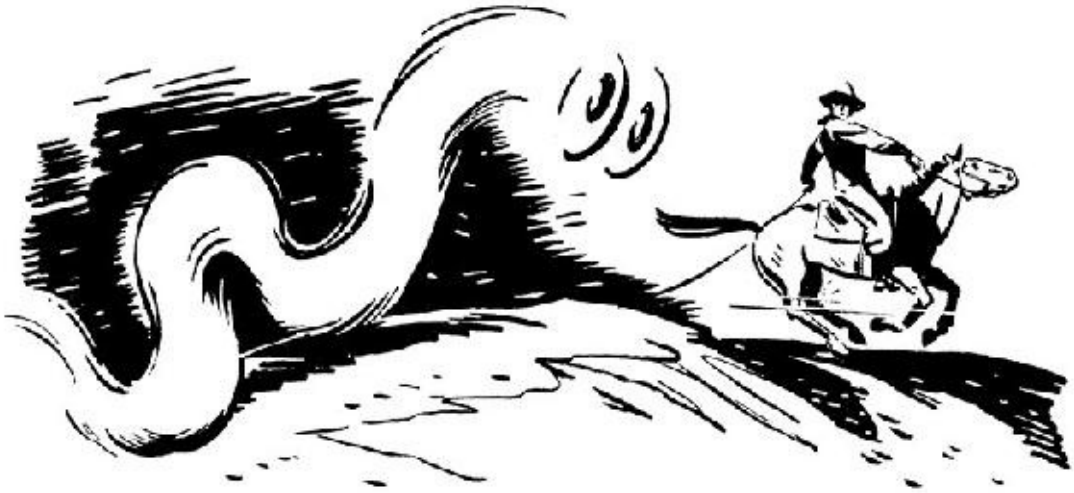
— Pois o Boitatá é um monstro muito interessante. Quase que só tem olhos — uns olhos enormes, de fogo. De noite vê tudo. De dia não enxerga nada — tal qual as corujas. Dizem que certa vez houve um grande dilúvio em que as águas cobriram todos os campos do Sul, e o Boitatá, então, subiu ao ponto mais alto de todos. Lá fez um grande buraco e se escondeu durante todo o tempo do dilúvio. E tantos anos passou no buraco escuro que seu corpo foi diminuindo e os olhos crescendo — e ficou como é hoje, quase que só olhos. Afinal as águas do dilúvio baixaram e o Boitatá pôde sair do buraco, e desde esse tempo não faz outra coisa senão passear pelos campos onde há carniça de animais mortos. Dizem que às vezes toma a forma de cobra, com aqueles grandes olhos em lugar de cabeça. Uma cobra de fogo que persegue os gaúchos que andam a cavalo de noite.

— Eu sei dessa história. É o fogo-fátuo. Vovó já nos explicou que esses fogos são fosforescências emitidas pelas podridões. No Sul também existe a célebre história do Negrinho do Pastorejo. Conhece? Não será uma espécie de saci dos Pampas?

— Não. Trata-se de coisa muito diferente. Esse negrinho foi apenas um mártir. Sofreu os maiores horrores de um senhor de escravos muito cruel; morreu e virou santinho.

— Conte a história dele.

E o Saci contou.



o negrinho

— Havia um fazendeiro, ou estancieiro, como se diz lá no Sul, que era muito mau para os escravos — isso foi no tempo em que havia escravidão neste país. Uma vez comprou uma ponta de novilhos para engordar em seus pastos. Era inverno, um dos piores invernos que por lá houve, de tanto frio que fazia.

"Negrinho", disse o estancieiro para um molecote da fazenda, que andava por ali. "Estes novilhos precisam acostumar-se nos meus pastos, por isso você vai tomar conta deles. Todas as tardes tem de tocar a ponta inteira para o curral, onde dormirão fechados, depois de contados por mim. Tome muito tento, hein? Se faltar na contagem um só que seja, você me paga."

O pobre molecote só tinha catorze anos de idade; mesmo assim não teve remédio senão ir para o campo tomar conta do gado. Era gado arisco, ainda não querenciado naquela fazenda, de modo que, para começar, logo no primeiro dia um dos novilhos faltou na contagem.

O estancieiro não quis saber de explicações. Vendo que o número não estava certo, botou o cavalo em que estava montado para cima do negrinho e deu-lhe uma tremenda sova de chicote. Depois disse:

"E agora é ir procurar o novilho que falta. Se não me der conta dele, eu dou conta de você, seu grandissíssimo patife!"

E *lept!* — outra lambada por despedida.



O moleque, com as costas lanhadas e em sangue, montou no seu cavalinho e saiu pelos campos atrás do novilho. Depois de muito procurar encontrou por fim o fujão, escondido numa moita.

“E agora?”, pensou consigo. “Tenho de laçar este novilho, mas meu laço está que não vale nada, de tão velho, e eu estou tão escangalhado pela sova que ainda valho menos que o laço. Mas não há remédio. Tenho que ir até o fim…”

E, aproximando-se com muito jeito, laçou o novilho.

Se fosse só laçar, estaria tudo muito bem. Mas tinha de trazer o boizinho por diante, até o curral. Teria ele forças para isso? O laço aguentaria?

Não aguentou. Com meia dúzia de sacões o novilho desembaraçou-se do laço, arrebentando-o, e lá se foi pelos campos afora, na volada.

E agora? Voltar para casa sem novilho e sem laço? O furor do estancieiro iria explodir como bomba.

Voltou.

“Que é do novilho?”, indagou o patrão assim que o negrinho apareceu no terreiro.

“Escapou, patrão. Lacei ele, mas o laço estava podre e não aguentou, como sinhô pode ver por este pedaço.”

Se o estancieiro não fosse um monstro de maldade, convencer-se-ia logo, vendo pela ponta do laço que o negrinho andara direito. Quando o laço arrebenta, a culpa da presa escapar não é do laçador, sim do laço. Não pode haver nada mais claro no mundo. Mas o estancieiro, que tinha comido cobra

naquele dia, em vez de dar-se por convencido, mais colérico ainda ficou.



“Cachorro!”, exclamou espumando de raiva. “Você vai ter o castigo que merece.”

O dito, o feito. Agarrou o negrinho, amarrou-o pelos pés com a ponta do laço e depois de bater nele com o cabo do relho até cansar, teve uma ideia diabólica: botá-lo num formigueiro para ser devorado vivo pelas formigas.

Assim fez. Arrastou-o para um sítio onde existia um enorme formigueiro de formigas carnívoras, arrancou as roupas do coitadinho e deixou-o amarrado lá.

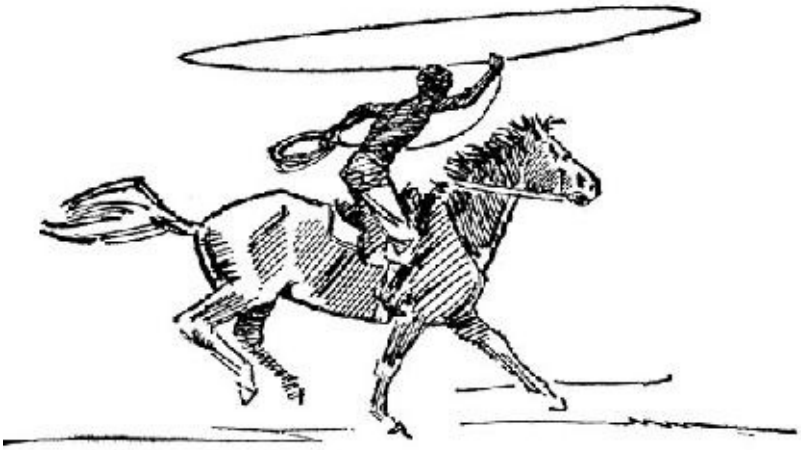
No dia seguinte foi ver a vítima, com a ideia de continuar o castigo, caso o grande criminoso não estivesse morto e bem morto. Chegando ao formigueiro, levou um grande susto. Em vez do negrinho, viu uma nuvem que se erguia da terra e logo se sumiu nos ares.

A notícia desse acontecimento correu mundo. Os homens daquelas bandas começaram a considerar o negrinho como um mártir que tinha ido direto para o céu.

Com o tempo virou um verdadeiro santo. Quem quer qualquer coisa, na campanha do Rio Grande, antes de pedi-la a santo Antônio ou a outro santo qualquer, pede logo ao Negrinho do Pastorejo.

— E ele faz?

— Está claro que faz — sempre que pode. Como sofreu muito, sabe avaliar os apertos dos outros e ajuda-os no possível.





meia-noite



Nesse ponto da prosa a flor que servia de relógio abriu-se toda.

— É hora! — exclamou o Saci. — Estamos justamente no meio da noite.

Apesar de valente, Pedrinho não deixou de sentir um certo arrepio pelo

corpo. Primeira vez na vida em que ia passar uma noite inteira na mata — e não seria uma noite comum, pelo que dizia o Saci.

— Não se arreceie de coisa nenhuma. Deixe tudo por minha conta que nada de mau há de acontecer — disse o Saci, correndo os olhos em redor como em procura de alguma coisa. — Venha comigo. Há ali uma peroba minha conhecida, onde encontraremos o melhor dos refúgios.

De fato. Na tal peroba havia um oco a doze pés acima do chão, muito próprio para esconderijo. Dentro dele os dois acomodaram-se à vontade e de modo a tudo poderem ver sem perigo de serem vistos.

— Muito bem — disse o menino —, mas só quero saber como poderei enxergar qualquer coisa de noite, dentro desta floresta que de dia já é tão escura.

— Para tudo há remédio — foi a resposta do Saci. — Espalharei pelas árvores vizinhas centenas de lanternas vivas, de modo que você enxergará como se fosse dia. Mas antes é preciso que coma estas sete frutinhas vermelhas — concluiu apresentando ao menino um punhado de frutinhas do tamanho de amoras-bravas.

Pedrinho desconhecia aquelas frutas e foi com uma careta que mordeu a primeira, tão amarga era. Mas comeu as sete, e logo em seguida sentiu uma deliciosa tonteira invadir-lhe o corpo, deixando-o num esquisito estado de consciência jamais sentido. Era como se estivesse *dormindo acordado*.

Enquanto isso, o Saci repetiu em tom diferente o assobio com que chamara o serra-pau; mas dessa vez não veio serra-pau nenhum, sim uma enorme quantidade de vaga-lumes, dos grandes e dos pequenos. Vieram e foram pousando nas folhas e galhos das árvores vizinhas, como se algum invisível guia lhes estivesse a indicar os lugares. O coração da floresta clareou num círculo de cem metros de diâmetro, como se fosse batido pelo luar da lua cheia.

Pedrinho estava a gozar o espetáculo da floresta iluminada pelas lanterninhas vivas, quando surgiu na claridade o primeiro saci. E logo outro, e outro, e todo um bando de mais de cem. Começaram a pular, a dançar e a conversar numa linguagem que o menino muito sentiu não entender.

— Estão combinando as travessuras que vão fazer durante a noite. Daqui a pouco todos partem, só ficando os pequeninos que ainda não podem correr mundo — explicou o Saci cochichando-lhe ao ouvido.

Pedrinho enxergou um de cara chamuscada — com certeza o que fora vítima da explosão do pito do Tio Barnabé. Mas os sacis foram se dispersando, de modo que ao cabo de alguns minutos só se viam por ali os pequeninos como camundongos.

— Para onde foram? — perguntou Pedrinho.

— Oh, eles espalharam-se por toda parte. Ainda está por haver um lugarzinho onde saci não entre.

— Até nas garrafas… — disse o menino, sorrindo.

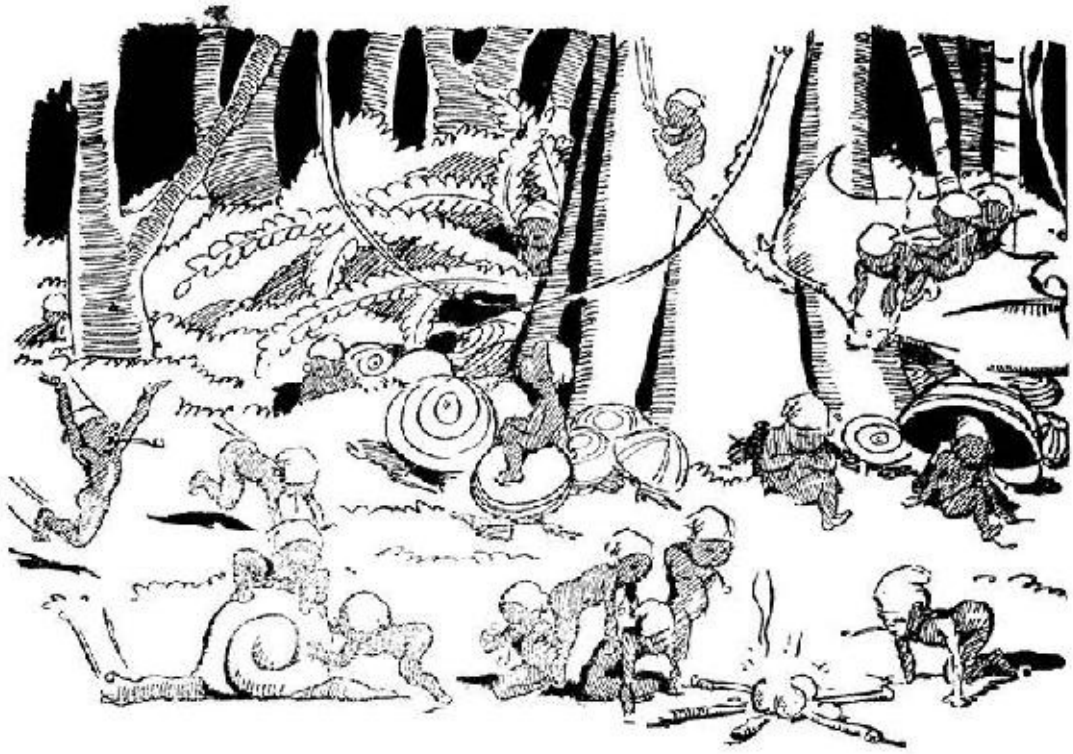


saída dos sacis



Nem em sonhos Pedrinho jamais esperou que pudesse observar um quadro mais curioso. Aqueles minúsculos capetinhas eram as mais travessas e irrequietas criaturas que se possam imaginar. Não paravam um só instante. Cabriolavam nos musgos do chão, pulavam como pulgas, dançavam, inventavam mil travessuras. E tudo faziam sem por um só instante tirarem o pitinho da boca.

Deram-se cenas muito engraçadas. Três deles ficaram muito atentos, de narizinho para o ar, observando um morcego que despreocupadamente comia frutinhas de uma enorme figueira. Depois de cochicharem entre si, treparam à figueira, com todas as cautelas para não assustar o morcego. Foram por trás dele e, de repente — *zás!*… pularam-lhe ao lombo, como perfeitos caubóis! O morcego levou um grande susto e começou a corcovear no ar, em voos tontos, enquanto os três cavaleiros, firmes na sela como carrapatos, davam assobios agudíssimos num grande contentamento.



Outro havia trepado a um arbusto e descoberto um ninho de beija-flor com três ovinhos. Imediatamente deu brado de alarma, chamando os companheiros. Reuniu-se um bando em redor do ninho, cujos ovos foram retirados e levados para o chão. Lá acenderam uma minúscula fogueirinha e assaram os ovos e os comeram com grande alegria e gulodice.

E quantas outras travessuras não observou Pedrinho! Os que agarraram um pobre caramujo pelos chifrinhos e fizeram prodígios para arrancá-lo da casca. Os que se divertiam em caçar vaga-lumes, matá-los e esfregar pelo corpo a substância fosforescente que os torna luminosos. Os que cavavam a terra, descobriam minhocas, emendavam três e quatro para fazer uma corda de pular!…

Pedrinho estava completamente absorvido naquele curioso espetáculo; e assim passaria a noite, se em certo momento o Saci não o puxasse para o fundo do oco.

— Cuidado! — disse ele. — Estou sentindo catinga de lobisomem. Meu faro nunca se engana…



lobisomem



Nem bem acabara o Saci de pronunciar estas palavras e Pedrinho notou grande rebuliço entre os sacizinhos. Parece que também pressentiram qualquer coisa, pois largaram das brincadeiras e desapareceram na floresta, como por encanto.

Era tempo. O mato começou a estalar, como se algum animalão por ele viesse rompendo, e por fim surgiu na clareira a carantonha sinistra de um lobisomem. Parou, farejou o ar como se estivesse sentindo cheiro de carne humana. O Saci, porém, tivera a precaução de emitir um certo cheirinho a enxofre, e isso iludiu o lobisomem, que continuou o seu caminho e passou. O cheiro a enxofre disfarça o da carne humana, explicou mais tarde o Saci.

Apesar do medo que sentira, Pedrinho pôde notar que o monstro tinha a pele virada, isto é, o pelo para dentro e a carne para fora — uma coisa horrível! No mais, era um perfeito lobo, embora de dimensões muito mais avantajadas.

Assim que o lobisomem deixou a clareira, o menino respirou um ah! de alívio e pediu ao Saci que lhe contasse alguma coisa desses monstros.

— Dizem — respondeu o Saci — que quando uma mulher tem sete filhos machos, o sétimo vira lobisomem na noite das sextas-feiras. Sai então pelos campos, invade os galinheiros (onde come um produto das galinhas que não é o ovo) e também assalta e devora os cães e as crianças que encontra pelo caminho. Se alguém ataca um lobisomem e corta-lhe uma das patas, ele vira

imediatamente no homem que é — e esse homem fica por toda vida aleijado do membro correspondente à pata cortada.

Pedrinho não resistiu à tentação de ver de perto as pegadas do monstro, e apesar das advertências do Saci saiu do oco para examiná-las à luz de um vaga-lume. Mas não teve tempo. Assim que saiu do oco, ouviu um estranho rumor ao longe, seguido do agudo assobio do Saci chamando-o. Voltou precipitadamente.

— Que há? — indagou.

O Saci, que também parecia amedrontado, puxou-o bem para o fundo do esconderijo, murmurando:

— A mula sem cabeça!



a mula sem cabeça



A mula sem cabeça! Pedrinho estremeceu. Nenhum duende das florestas o apavorava mais que esse estranho e incompreensível monstro, *a mula sem cabeça que vomita fogo pelas ventas!* Muitas histórias a seu respeito tinha ouvido aos caboclos do sertão e aos negros velhos, embora Dona Benta vivesse dizendo que tudo não passava de crendice.

A galopada aproximava-se; já se ouvia o estalar dos arbustos que em seu desenfreado galopar a mula sem cabeça vinha quebrando. Súbito, parou.

— Vai mudar de rumo! — murmurou o Saci com cara mais alegre.

E de fato foi assim. A mula retomou a galopada mas em outra direção, e embora passasse por perto não chegou ao alcance dos olhos do menino.

— Que pena! — exclamou ele. — Tanta vontade que eu tinha de conhecer esse monstro…

— Que pena? — repetiu o Saci. — Que felicidade, deve você dizer! A mula sem cabeça é o mais sinistro duende que há no mundo; tem o dom de transtornar a razão de todos que a veem. Por isso é que tive medo — não por mim, mas por você…

— Mas qual é a origem dessa mula?

— Uma história muito velha. Dizem que antigamente houve um rei cuja esposa tinha o misterioso hábito de passear certas noites pelo cemitério, não

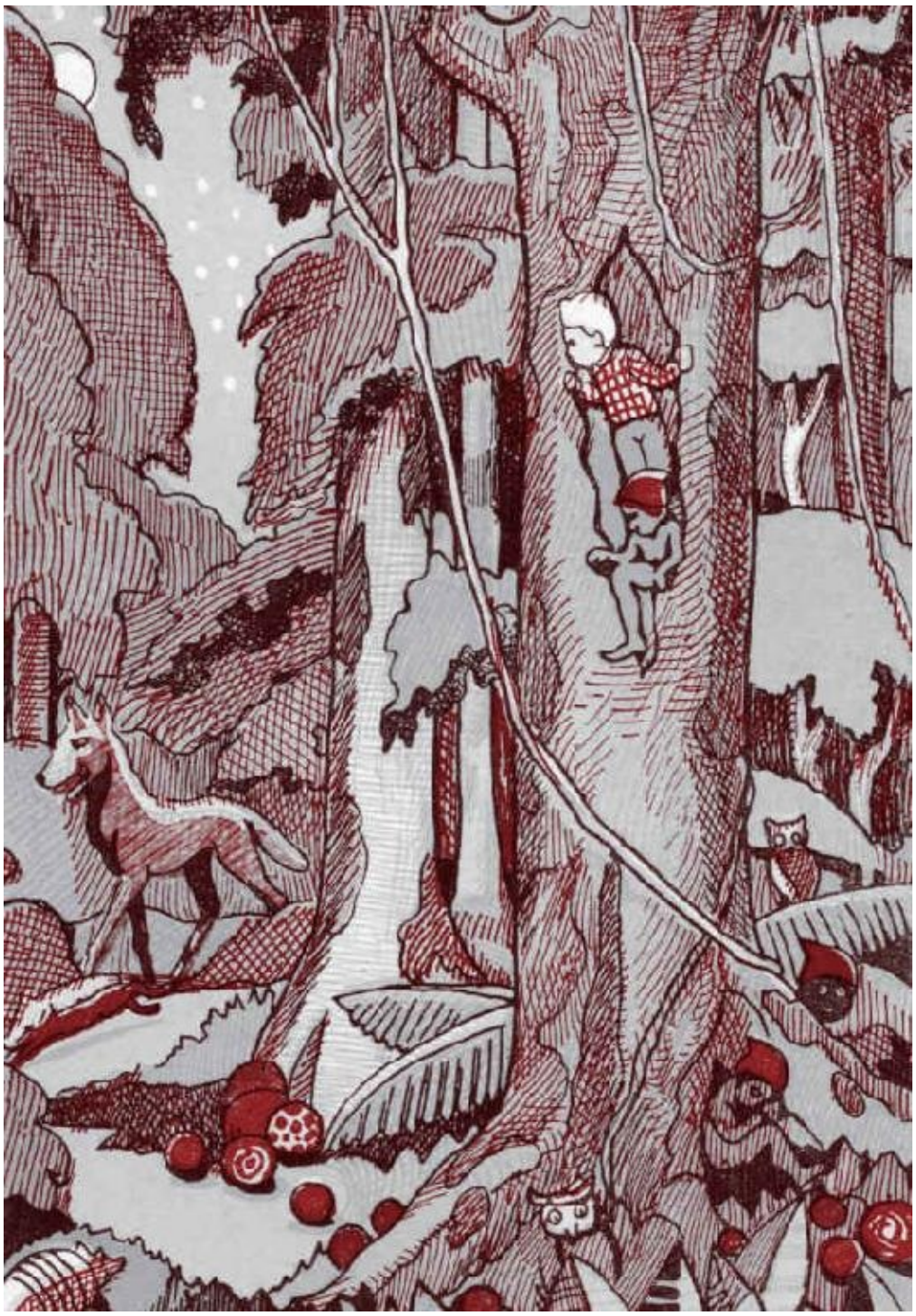
consentindo que ninguém a acompanhasse. O rei incomodou-se com isso e certa noite resolveu segui-la sem que ela o percebesse. No cemitério deu com uma coisa horrenda: a rainha estava comendo o cadáver de uma criança enterrada na véspera e que por suas próprias mãos, cheias de anéis, havia desenterrado! O rei deu um grito. Vendo-se pilhada, a rainha deu outro grito ainda maior — e imediatamente virou nessa mula sem cabeça, que desde aquele momento nunca mais parou de galopar pelo mundo, sempre vomitando fogo pelas ventas.

E foi assim que Pedrinho perdeu a única oportunidade que teve de ficar conhecendo pessoalmente o estranho monstro que tanto impressiona a imaginação dos nossos sertanejos.

Ela corre sem cessar, espalhando a loucura por onde passa. Não existe criatura, seja bicho do mato ou gente, que não prefira ver o diabo em pessoa a ver a tal mula sem cabeça. É horrenda!

— Mas como será que vomita fogo pelas ventas, se as ventas estão na cabeça e ela não tem cabeça?

— Também não entendo; mas é assim — disse o Saci.



más notícias

Parece que a mula sem cabeça tem a propriedade de afugentar os outros duendes da floresta, porque depois da sua passagem tudo por ali ficou deserto de seres. Só uma hora mais tarde é que os sacizinhos foram reaparecendo, um por um e ainda ressabiados. Mas reapareceram todos, afinal, e recomeçaram as travessuras, apenas interrompidas pela passagem da Porca dos Sete Leitões e do Caipora.

A Porca dos Sete Leitões é uma misteriosa porca alva como paina, que passeia acompanhada dos seus sete leitõezinhos, fossando o chão em procura de um anel enterrado. Só quando achar esse anel poderá quebrar o encanto e virar na baronesa que já foi. Por suas maldades no tempo em que havia escravos, um feiticeiro negro transformou-a em porca e virou seus sete filhos em leitões.

O Caipora é um duende peludo, meio homem, meio mono, que costuma cavalgar os porcos-do-mato e deter os viajantes para exigir fumo.



Aquele que por ali passou vinha montado num soberbo queixada de enormes presas salientes, tão corpulento e forte que para passar nem se desviava das pequenas árvores — ia derrubando-as.

Nisto um pio de coruja fez-se ouvir de perto. O Saci apurou os ouvidos, com cara de quem não estava gostando nada daquilo.

— Aquela coruja está me chamando. Está dando sinal de que aconteceu qualquer coisa lá no sítio de Dona Benta. Tenho de ir ver o que é.

— E vai deixar-me sozinho aqui? — murmurou o menino de dentro do seu esconderijo, procurando dominar o medo. Com o amigo perneta ao lado sentia-se seguro; mas ficar, por minutos que fosse, entregue a si próprio, naquela mata cheia de mistérios e ainda mais naquela hora sinistra da meia-noite, era duro de roer. Pedrinho, entretanto, dominou-se e disse, fazendo das tripas o coração:

— Pois vá, mas não se demore muito porque… porque gosto muito da sua prosa, ouviu?

Dando uma risadinha de quem compreendia perfeitamente o que se passava dentro do seu companheiro, o Saci foi falar com a coruja.

Minutos depois regressou, visivelmente inquieto. Percebendo a mudança, Pedrinho indagou ansioso:

— Que há?

— Coisa muito grave. Quando saí do sítio de Dona Benta, deixei lá uma coruja, que é minha escrava, com ordem de avisar-me de qualquer coisa fora do comum que acontecesse. Pois bem: a coruja acaba de chegar com uma notícia nada agradável.

— Que é? Conte logo…

— A Cuca apareceu no sítio e furtou Narizinho…



— Não diga! — exclamou o menino, com os cabelos arrepiados. — Temos que salvá-la, Saci! Darei tudo quanto você quiser, se me ensinar o meio de arrancar Narizinho das unhas desse horrendo monstro…

A Cuca! Pedrinho ainda tinha bem fresca na memória a lembrança dessa bruxa das histórias que a ama lhe contara nos primeiros anos de sua vidinha. Lembrava-se até duns versos que ela cantava para adormecê-lo:

Durma, nenê, que a Cuca já lá vem,
Papai está na roça; mamãezinha,
No Belém.

Lembrava-se que ouvindo essa cantiga sentia uma ponta de medo e fechava os olhos e logo dormia. Depois que cresceu, nunca mais ouviu falar na Cuca, a não ser minutos antes, quando o Saci lhe contou que a Cuca era a Rainha das Coisas Feias. Seria verdade? Verdade ou não, tinha de voltar ao sítio incontinênti e de qualquer maneira.

— Vamos embora, Saci! Precisamos chegar ao sítio o quanto antes, para saber com certeza o que há. Pode ser que a coruja esteja mentindo, mas também pode ser verdade.

— Mentira não é — disse o Saci. — Minha coruja não mente. Mas pode ser que a menina tenha sido raptada por outro duende que não a Cuca. É o ponto que temos de verificar.

— E se for a Cuca mesmo? Que havemos de fazer?

— Não sei. Tenho de pensar nisso. A Cuca é bastante poderosa, e má como ela só. Mas havemos de dar um jeito. Tenho cá uma ideia. Venha comigo.

Saíram do oco da peroba e tomaram o caminho do sítio de Dona Benta. A escuridão da noite não embaraçava em nada ao Saci, que, como filho das trevas, enxergava no escuro ainda melhor do que ao sol. Mas o pobre Pedrinho padeceu um bocado. Só podia guiar-se pela brasa do cachimbo do Saci, de modo que tropeçou em muito cipó e toco de pau podre, afundando os pés em formigueiros e buracos de tatu, espinhando-se na cara e nos braços. Mas era tal a sua ânsia de chegar, que nem sequer a dor das arranhaduras sentiu.

— Nesta andadura chegaremos tarde — disse de repente o Saci. — Se você é bom cavaleiro, poderemos ir montados num porco-do-mato.

— Sou. Já montei até num garrote bem taludo, que deu os maiores corcovos do mundo sem conseguir derrubar-me.

— Pois então, tudo está resolvido. Olhe! Lá vem em nosso rumo uma vara de porcos. Suba a esta árvore; assim que eu der sinal, atire-se de perna aberta para cima do lombo do que vem na frente. Eu irei na garupa.

Assim fizeram. Subiram os dois a uma árvore baixa; logo que o porco chefe passou por debaixo da árvore, Pedrinho e o Saci atiraram-se sobre ele, agarrando-se aos compridos pelos do congote. Assustado com aquela manobra, o pobre porco disparou numa galopada louca pela mata afora, na direção desejada pelo Saci. Este habilíssimo duendezinho tinha jeitos para tudo, inclusive dirigir

porcos-do-mato como se os trouxesse seguros por um bom par de rédeas. Pedrinho não percebeu de que modo o Saci conseguia isso, nem teve tempo de o perguntar. Todas as suas energias eram poucas para manter-se firme no lombo da cavalgadura de nova espécie. Aquela corrida com o Saci dentro da noite iria constituir a mais arrojada aventura da sua vida. Por mais anos que se passassem, ele jamais poderia esquecer-se dela.



chegam ao sítio

Depois de comprida caminhada, o menino percebeu que já estava em terras do sítio. Viu o rancho do Tio Barnabé perto da ponte; em seguida, os pastos; e finalmente a casa da sua querida vovó.

No terreiro saltaram do porco-do-mato, o qual, aliviado da carga, prosseguiu na correria com maior velocidade ainda.

Foram entrando. A casa estava silenciosa, de luzes acesas — coisa muito esquisita àquela hora da madrugada.

— Temos novidade — murmurou o menino. — Luz acesa a estas horas é mau sinal…

Na sala de jantar encontrou Dona Benta sentada na sua cadeirinha, com a cabeça apoiada nas mãos. Ao lado dela, Tia Nastácia escarrapachada no chão. De tal modo absorvidas estavam as duas velhas, que nenhuma percebeu a chegada dos valentes salvadores.

— Que há, vovó? — foi gritando Pedrinho.

Dona Benta ergueu a cabeça e arregalou os olhos, como se a aparição de Pedrinho fosse um sonho. Tia Nastácia fez o mesmo, mais assustada do que admirada de ver o menino outra vez.

— Pedrinho! — exclamou a pobre avó com expressão de esperança nos olhos vermelhos de tanto chorar. — Até que enfim você apareceu! Estava eu aqui desesperada, porque perder um neto já era demais, mas perder dois seria coisa acima das minhas forças…



— Perder dois? Quer dizer que Narizinho sumiu?

— Sim, meu filho! Logo que você desapareceu desta casa da maneira mais misteriosa, nada dizendo a ninguém, Narizinho saiu a dar uma volta pelos pastos para ver se o encontrava. Andou por lá gritando “Pedrinho! Pedrinho!” uma porção de tempo, até que de repente se calou. Julgamos que tivesse achado o fujão e ficamos muito contentes. Mas o tempo foi passando e nada de Narizinho voltar. Tia Nastácia e eu demos uma volta pelo pasto, chegamos até a casa do Tio Barnabé e nada. Isso, às três horas da tarde. Já são duas da madrugada e não tivemos ainda o menor indício de onde possa estar a coitadinha da minha querida neta…

Dizendo isto Dona Benta rompeu de novo em choro, acompanhada de Tia Nastácia.



Pedrinho contou onde estivera e, depois de consultar em segredo o Saci, consolou Dona Benta e a preta, dizendo que sabiam onde Narizinho estava e iam buscá-la.

— É verdade isso ou você está fantasiando para me consolar?

Pedrinho, que nunca mentia, sentiu tanto dó das pobres velhas que pela primeira vez na vida resolveu enganá-las com uma mentira de bom tamanho. Deu uma risada e disse:

— Não se assuste, vovó! Narizinho e eu resolvemos pregar uma grande peça na senhora, mas essa peça é um segredo que não posso contar. Só amanhã, ao clarear do dia — e deu uma grande risada.

Dona Benta sossegou um pouco e ralhou severamente com o menino, fazendo ver o transtorno que aquela estranha “surpresa” lhe causara. Disse que sofria do coração e que se coisas assim se repetissem o certo era ir para a cova antes do tempo.

Pedrinho sossegou-a como pôde e saiu para o terreiro, gritando que se acalmasse porque dentro de uma ou duas horas estaria de volta com a menina.

Lá no terreiro, só com o Saci outra vez, voltou-se para ele e disse:

— E agora, amigo Saci, que iremos fazer?

— Estou armando o meu plano — respondeu o diabrete. — Já fiz uma inspeção pela casa toda e pelo terreiro. Estou na pista do raptor.

— Raptor? — repetiu o menino sem nada compreender.

— Sim. Narizinho foi raptada pela Cuca. Descobri o rasto da horrenda bruxa perto da porteira. Temos de ir à caverna onde mora a Cuca e ver o que há.

— Mas se a Cuca é poderosa como você diz, que poderemos fazer?



— Não sei. Lá veremos. O que é preciso é não desanimar. Se ela é poderosa, eu sou astucioso. A astúcia inúmeras vezes vence a força. Faça das tripas coração e acompanhe-me. O mau foi termos deixado escapar o porco que nos trouxe. Precisamos descobrir nova montaria.

— Isso é fácil. O meu cavalinho pangaré está no pasto de dentro. Manso como é, podemos pegá-lo e cavalgá-lo em pelo.

— Pois vamos pegar o pangaré — concordou o Saci.

Não foi difícil. Logo que o cavalinho reconheceu o dono, veio na direção dele no trote. Pedrinho montou, com o Saci na garupa, e lá partiu na galopada.

Pedrinho logo percebeu que qualquer animal montado pelo Saci mudava de modos, ficando não só mais ligeiro do que nunca e fogoso, como ainda com um senso de direção que parecia sobrenatural. Inúmeras vezes tinha cavalgado o pangaré e galopado nele; nunca, porém, o vira assim tão ardente e veloz. Era como se o Saci lhe comunicasse alguma força mágica, que não é própria dos cavalos. Tal foi a velocidade desenvolvida que Pedrinho não pôde deixar de

dizer:

— Mais parece o famoso Pégaso do que meu velho e lerdo pangaré! Estou estranhando isto…

— Não estranhe coisa nenhuma — aconselhou o Saci. — Tudo são mistérios que só eu sei e que não vale a pena explicar agora. Não fale comigo, não me atrapalhe. Estou fazendo um grande esforço de cabeça para aperfeiçoar o meu plano de não só lograr a Cuca malvada como ainda castigá-la como merece.

— Conte ao menos um pedacinho dessa grande ideia, para me consolar.

— É uma ideia que aprendi com Dona Benta — respondeu o Saci.

— Com vovó? — inquiriu o menino admirado. — Como isso, se vovó jamais teve coragem de falar com você?

— Sim, nunca falou comigo, mas muita coisa do que ela disse eu ouvi de dentro da garrafa. Meus ouvidos são apuradíssimos. Lembro-me da história dum pingo d'água que ela contou certa noite…

— História dum pingo d'água? — repetiu o menino, cada vez entendendo menos. — Não posso perceber onde você quer chegar.

— Quero chegar à caverna da Cuca! — respondeu o Saci brincalhonamente.

Vendo que ele se recusava a contar o plano que tinha na cabeça, o menino calou-se. Esporeado pelo Saci, o pangaré aumentou ainda mais a velocidade do galope, de modo que antes de meia hora já se achavam numa região inteiramente nova para o menino.

"Onde estarei eu?", ia ele pensando, sem coragem de interrogar o Saci, de tal modo o via concentrado nas combinações do seu célebre plano.



a cuca

Súbito o Saci exclamou:

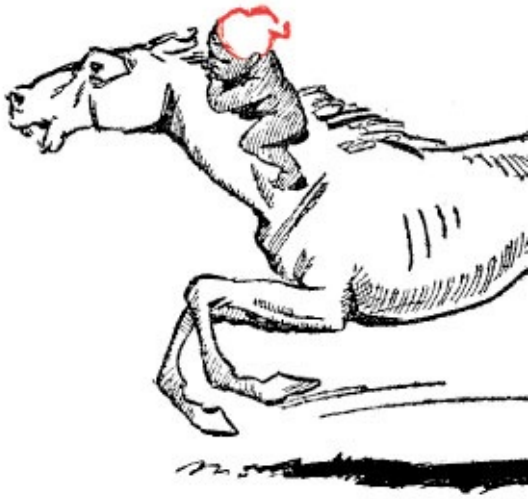
— É lá!

— É lá o quê? — perguntou Pedrinho.

— A caverna da Cuca, naquela montanha de pedras nuas. Conheço bem estes sítios.

Pedrinho olhou na direção apontada e só viu grandes massas de sombras. Apesar de ser noite de lua, havia névoas no céu, de modo que a claridade não dava para perceber mais que o vulto da montanha estendida à sua frente. Que a região era pedregosa, isso Pedrinho logo percebeu, tais faíscas tirava do chão o seu cavalinho pangaré. Entretanto, não tropeçava, o que seria naturalíssimo num animal acostumado a só trotar por bons caminhos ou campos livres de pedras.

— Estou estranhando este cavalo! — não pôde deixar de dizer o menino. — Positivamente não é o mesmo. Nem sequer tropeça…



— É que lhe dei a comer sete folhas de uma planta que só eu sei para que

serve.

— Logo vi. Seria ótimo que me ensinasse o segredo dessa planta. Com ela a gente poderia até transformar um burro morto em Bucéfalo…

O Saci, apesar das suas habilidades e espertezas de demoninho, ignorava a história dos cavalos célebres, e pois ficou na mesma com a citação do tal Bucéfalo.

— Que bicho é esse? — perguntou.

— Oh, era o cavalo de Alexandre, o Grande, um cavalo bravíssimo, que nenhum homem, fora Alexandre, jamais conseguiu domar. Um dia, quando estivermos sossegados, hei de contar a história dos grandes cavalos.

— Sim — interrompeu o Saci —, mas agora feche o bico. Estamos nos domínios da Cuca, onde qualquer imprudência nos pode custar caro. Essa horrenda bruxa tem ouvidos ainda mais apurados que os meus.

Pedrinho calou-se.

Nisto a lua saiu de trás das nuvens e ele pôde ver melhor o sítio onde se achava. Bem à frente erguia-se a muralha duma montanha de pedras negras, com arvoredo retorcido brotando das brechas. Era uma paisagem diabólica, que punha nos nervos das criaturas os mais esquisitos arrepios. Lugar bom mesmo para morada de monstros como a Cuca…

— É ali! — murmurou baixinho o Saci, apontando para uma abertura negra. — É ali a entrada da caverna da grande malvada.

— Como sabe? — perguntou Pedrinho tolamente.



— Que pergunta! — respondeu o Saci com ironia. — Sei porque sei. Tinha graça que um saci não soubesse onde mora a Cuca… Mas, silêncio! Temos que entrar com mil cautelas, de arrasto, como se fôssemos cobras. Não! Não! O melhor é nos disfarçarmos em folhagem.

— Como isso?

— Nada de perguntas. Faça o que eu fizer, sem discutir — ordenou o

diabrete, afastando-se dali para arrancar braçadas de folhas da árvore mais próxima. Pedrinho fez o mesmo. Em seguida o Saci lascou da mesma árvore umas embiras, com as quais amarrou a folhagem em redor do seu corpinho. O menino fez o mesmo.

Ficaram tal qual dois arbustos móveis e, assim disfarçados, dirigiram-se para a caverna do horrendo monstro, pé ante pé, tão devagarzinho que levaram vinte minutos para caminhar uns poucos metros.



Súbito, ao dobrarem uma curva, viram lá num canto a rainha. Estava sentada diante duma fogueira, de modo que a claridade das chamas permitia que as “folhagens” lhe vissem a carantonha em toda a sua horrível feiura. Que bicha! Tinha cara de jacaré e garras nos dedos como os gaviões. Quanto à idade, devia andar para mais de três mil anos. Era velha como o Tempo.

— Estamos de sorte — disse o Saci ao ouvido do menino. — A Cuca só dorme uma noite cada sete anos e chegamos justamente numa dessas noites.

— Como sabe? — indagou Pedrinho, cuja curiosidade não tinha limites.

O Saci danou e ameaçou-o, se continuasse com tais perguntas, de deixá-lo ali sozinho para ser devorado pelo monstro. Em seguida queimou na brasa do pito uma misteriosa folha, que havia apanhado pouco antes sem que o menino o percebesse.



— Esta fumaça vai fazer que o sono da rainha seja mais pesado do que todas as pedras desta gruta. Depois de estar completamente adormecida, temos de amarrá-la muitíssimo bem amarrada.

Logo que a fumaça alcançou o focinho da Cuca, esta, que já estava dando mostras de sono, pendeu a cabeça de lado e roncou.

— Já caiu no sono — disse o Saci. — Podemos agora tirar nossa roupa de folhas e sair em busca de cipós. Conheço um cipó que vale por quanta corda existe — até parece cipó próprio de amarrar cucas…

Despiram-se das folhas e saíram da caverna muito satisfeitos, porque as coisas estavam correndo às mil maravilhas.



o novelo de cipós

Cortado o cipó, trouxeram-no em dois grandes rolos, e sem receio nenhum, pois os roncos da Cuca mostravam que ela estava a dormir como quem não dormia há sete anos, começaram a amarrá-la dos pés à cabeça.

Mais uma vez teve Pedrinho de reconhecer como era hábil e arteiro o seu amigo Saci. Amarrar parece coisa fácil, mas não é. Se Pedrinho houvesse amarrado a Cuca, o mais certo era que com dois safanões a bruxa se livrasse da cipoada num minuto. Mas com o Saci deu-se coisa diferente. O diabinho parecia nunca ter feito outra coisa na vida. Amarrou-a com a mesma ciência com que as aranhas amarram as moscas nas suas teias, sem deixar um ponto fraco. O segredo, explicou ele, era estudar a amarração de modo que ao despertar a Cuca não pudesse fazer o menor movimento. Porque se a criatura amarrada puder fazer um pequeno movimento, por menor que seja, afrouxará um ponto no amarrilho; e depois afrouxará outro ponto — e assim irá até libertar-se duma vez.

Terminada a obra, em vez de Cuca viu-se no chão um verdadeiro carretel de cipó.



— Sim, senhor! — exclamou Pedrinho. — Aprendi mais hoje do que em toda a minha vida. Esta diaba pode ter a força de cem elefantes, mas duvido que escape da “nossa” amarração.

O Saci sorriu daquele “nossa”, mas calou-se. Limitou-se a enxugar o suor da testa.

— Temos agora de acordá-la — disse depois.

— Deixe esse ponto comigo — pediu o menino. — Com um bom pau de guatambu, eu acordo-a bem acordada.

— Nada de paus! Você não conhece a Cuca. Um monstro de três mil anos, como ela, havia de rir-se das pauladas de um menino como você. À força é impossível lutar com ela. Temos de usar da astúcia. A arma a empregar vai ser o pingo d’água.

— Lá vem o pingo d’água outra vez! — exclamou o menino. — Até parece caçoada, querer com um pobre pingo d’água dominar uma bruxa destas…

— Pois fique sabendo que é o único meio.

Pedrinho não entendeu, ficando de boca aberta a ver as manobras do Saci. A engenhosa criaturinha trepou que nem macaco pelas estalactites gotejantes da gruta até alcançar a que ficava bem a prumo sobre a cabeça da Cuca. E lá, então, encaminhou um fiozinho d’água de modo que gotejasse lentamente bem no meio da testa da Cuca.



— Basta isso — disse ele. — No começo ela nem sente; mas com a continuação a dor vai ficando tamanha que há de dar-se por vencida.

— Sim, senhor! — murmurou o menino. — Está aí uma invenção que nunca imaginei, mas agora me lembro que vovó nos contou uma história assim…

— Pois é — disse o Saci. — Ambos ouvimos essa história; mas só eu prestei atenção e já estou tirando partido do que aprendi. Sou dez vezes mais esperto que você, Pedrinho. Não acha?



O menino não teve remédio senão achar que era mesmo.

Os pingos começaram a cair. Os cem primeiros nenhuma impressão fizeram na bruxa, cujo sono parecia dos mais gostosos. Daí por diante já esse sono não pareceu mais tão calmo. Começou a fazer caretas, como se estivesse sonhando algum sonho horrível. Por fim abriu um olho e depois o outro.

Por vários minutos permaneceu apatetada, vendo diante de si aquelas duas criaturas de mãos na cintura, a olharem para ela sem dizer coisa nenhuma. Depois a sua inteligência foi acordando e notou o pingo a lhe cair na testa. Quis mudar de posição. Não pôde. Só nesse momento viu que estava amarradinha como se fosse um carretel e condenada à mais absoluta imobilidade.



o pingo d’água

A cólera da Cuca foi medonha. Deu um urro de ouvir-se a dez léguas dali, tamanho e tão horrendo que por um triz Pedrinho não disparou na corrida. E outro urro, e outro, e mais de cem.

— Berre, demônio! — gritou o Saci. — Berre até rebentar. Pingo d’água não tem ouvidos, nem tem pressa. Esse que botei pingando nessa horrenda caraça vai divertir-se em pingar no mesmo lugarzinho por cem anos, se for preciso. Sei que Cuca é bicho duro, mas quero ver se pode com um pingo d’água que não tem pressa nenhuma, nem tem outra coisa a fazer na vida senão pingar, pingar, pingar…

A dor que a queda de um pingo atrás do outro já estava causando nos miolos da bruxa começava a crescer ponto por ponto. Cada novo pingo era um ponto mais de dor. Naquele andar ela não suportaria o suplício nem um mês, quanto mais os cem anos com que a ameaçara o Saci.

— Parem com esse pingo d’água! — berrou a bruxa.

O Saci deu uma risada de escárnio.



— Parar? Tinha graça! Se estamos apenas começando, como quer você que paremos? Já arrumei tudo, de modo que o pingo pingue durante cem anos, e se não for suficiente, arranjarei as coisas de modo que depois desses cem anos pingue outros cem. Duzentos anos de pingo na testa parece-me uma boa conta, não acha?

A Cuca ainda urrou como cem mil onças feridas, e espumou de cólera, e ameaçou céus e terras. Por fim viu que estava fazendo papel de boba, pois havia encontrado afinal um adversário mais inteligente do que ela; e disse:

— Parem com este pingo que já está me pondo louca! Tenham dó de uma pobre velha…

— Pobre velha! A coitadinha… Quem não a conhece que a compre, bruxa de uma figa! Só pararemos com a água se você nos contar o que fez de Narizinho.

— Hum! — exclamou a bruxa, percebendo afinal a causa de tudo aquilo. — Já sei…

— Pois se sabe, desembuche. Do contrário, a sua sina está escrita; há de morrer no maior suplício que existe. E nada de tentar enganar-nos. É ir dizendo onde está a menina, o mais depressa possível.

— Farei o que quiserem, mas primeiro hão de desviar de minha testa este maldito pingo que me está deixando louca.

— Assim será feito — disse o Saci trepando de novo às estalactites e desviando o fiozinho d’água para um lado. A Cuca deu um suspiro de alívio. Tomou fôlego, descansou um bocado; depois disse:

— Encantei essa menina que vocês procuram, mas só poderei romper o encanto se vocês me trouxerem um fio de cabelo da Iara. Sem isso é impossível.

— Não seja essa a dúvida — respondeu o Saci. — Iremos buscar o fio de cabelo da Iara. Mas se ao voltarmos você não quebrar o encanto, juro que deixarei o pingo a pingar nessa testa horrenda, não cem anos, mas cem mil anos, está ouvindo?

E, dizendo isto, tomou Pedrinho pela mão e retirou-se com ele da caverna.

a iara



— Vamos à cachoeira onde mora a Iara — disse. — Essa rainha das águas costuma aparecer sobre as pedras nas noites de lua. É muito possível que possamos surpreendê-la a pentear os seus lindos cabelos verdes com o pente de ouro que usa.

— Dizem que é criatura muito perigosa — murmurou Pedrinho.

— Perigosíssima — declarou o Saci. — Todo o cuidado é pouco. A beleza da Iara dói tanto na vista dos homens que os cega e os puxa para o fundo d’água. A Iara tem a mesma beleza venenosa das sereias. Você vai fazer tudo direitinho como eu mandar. Do contrário, era uma vez o neto de Dona Benta!…

Pedrinho prometeu obedecer-lhe cegamente.

Andaram, andaram, andaram. Por fim chegaram a uma grande cachoeira cujo ruído já vinham ouvindo de longe.

— É ali — disse o perneta apontando. — É ali que ela costuma vir pentear-se ao luar. Mas você não pode vê-la. Tem de ficar bem quietinho, escondido aqui atrás desta pedra e sem licença de pôr os olhos na Iara. Se não fizer assim, há de arrepender-se amargamente. O menos que poderá acontecer é ficar cego.

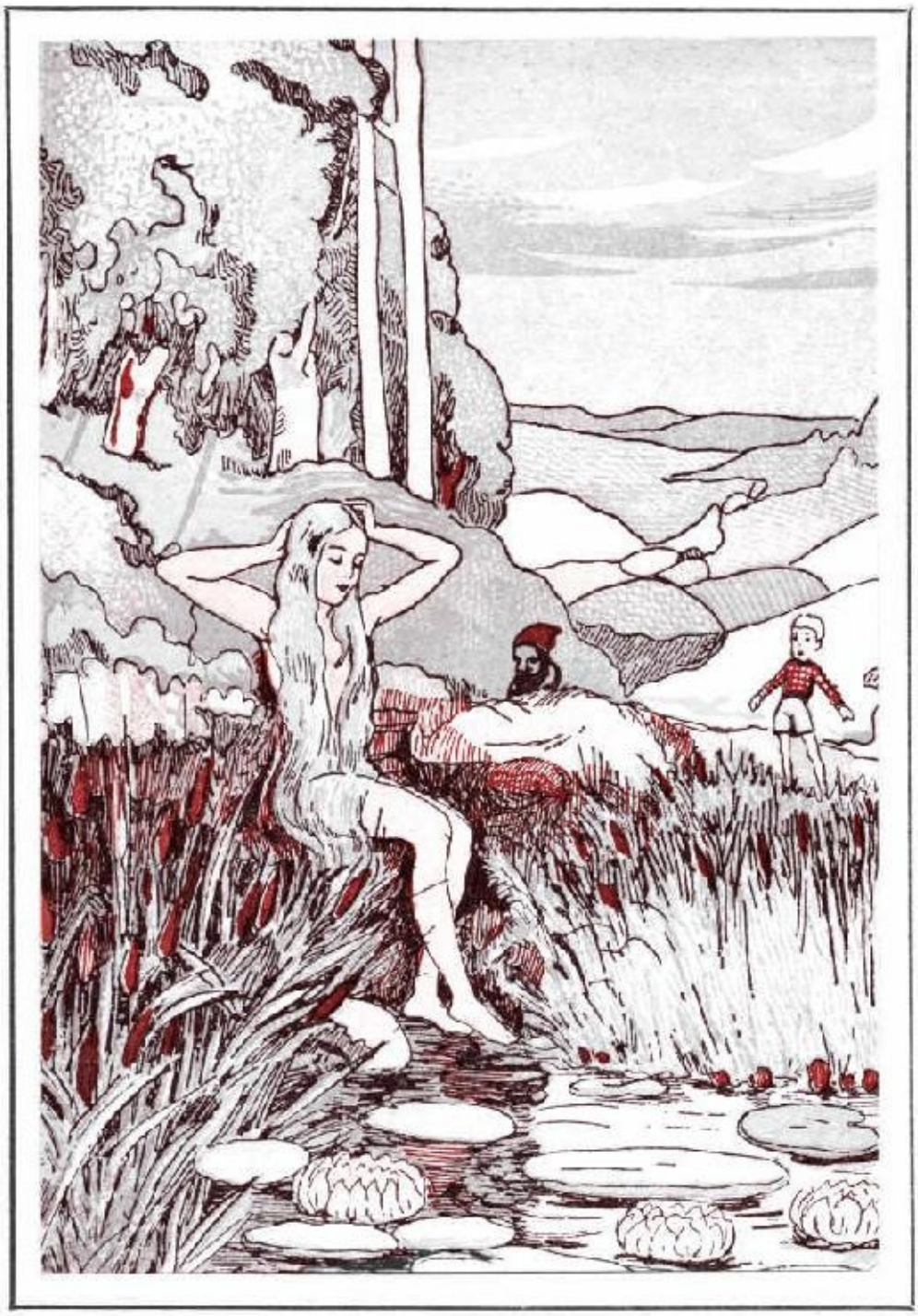
Pedrinho prometeu, e de medo de não cumprir o prometido foi logo tapando os olhos com as mãos.

O Saci partiu, saltando de pedra em pedra, para logo desaparecer por entre as moitas de samambaias e begônias silvestres.

Vendo-se só, Pedrinho arrependeu-se de haver prometido conservar-se de olhos fechados. Já tinha visto o Lobisomem, o Caipora, o Curupira, a Cuca. Por que não havia de ver a Iara também? O que diziam do poder fatal dos seus encantos certamente que era exagero. Além disso, poderia usar um recurso: espiar com um olho só. O gosto de contar a toda gente que tinha visto a famosa Iara valia bem um olho.

Assim pensando, e não podendo por mais tempo resistir à tentação, fez como o Saci: foi pulando de pedra em pedra, seguindo o mesmo caminho por ele seguido.

Súbito, estacou, como fulminado pelo raio. Ao galgar uma pedra mais alta do que as outras, viu, a cinquenta metros de distância, uma ninfa de deslumbrante beleza, em repouso numa pedra verde de limo, a pentear com um pente de ouro os longos cabelos verdes cor do mar. Mirava-se no espelho das águas, que naquele ponto formavam uma bacia de superfície parada. Em torno dela centenas de vaga-lumes descreviam círculos no ar; eram a coroa viva da rainha das águas. “Joia bela assim”, pensou Pedrinho, “nenhuma rainha da terra jamais possuiu.” A tonteira que a vista da Iara causa nos mortais tomou conta dele. Esqueceu até do seu plano de olhar com um olho só. Olhava com os dois, arregaladíssimos, e cem olhos que tivesse, com todos os cem olharia.



Enquanto isso, ia o Saci se aproximando da mãe-d’água, cautelosamente, com infinitos de astúcia para que ela nada percebesse. Quando chegou a poucos metros de distância, deu um pulo de gato e *nhoque!*, furtou-lhe um fio de cabelo.

O susto da Iara foi grande. Desferiu um grito e precipitou-se nas águas, desaparecendo.



O Saci não esperou por mais. Com espantosa agilidade de macaco, aos pinotes, saltando as pedras de duas em duas, de três em três, num momento se achou no ponto onde Pedrinho, ainda no deslumbramento da beleza, jazia de olhos arregalados, imóvel, feito uma estátua.

— Louco! — exclamou o Saci lançando-se a ele e esfregando-lhe nos olhos um punhado de folhas colhidas no momento. — Não fosse o acaso ter posto aqui ao meu alcance esta planta maravilhosa e você estaria perdido para sempre. Louco, dez vezes louco, louquíssimo, que você é, Pedrinho! Por que me desobedeceu?

— Não pude resistir — respondeu o menino logo que a fala lhe voltou. — Era tão linda, tão linda, tão linda, que me considerei feliz de perder até os dois olhos em troca do encantamento de contemplá-la por uns segundos.

— Pois saiba que cometeu uma grande falta. Não devia pensar unicamente em si, mas também na pobre Dona Benta, que é tão boa, e na sua mãe e em Narizinho. Eu, apesar de um simples saci, tenho melhor cabeça do que você, pelo que estou vendo…

Aquelas palavras calaram no menino, que nada teve a dizer, achando que realmente o Saci tinha toda razão.

— Bem — continuou o duendezinho —, agora que o perigo já passou,

trataremos de voltar à caverna da Cuca. E depressa, antes que amanheça. Lembre-se que prometemos a Dona Benta estar no sítio com a menina sumida logo ao romper da manhã.

na caverna da cuca

Voltando os dois na maior pressa para os domínios da Cuca, encontraram-na com um estranho ar de riso na horrenda boca, a falar sozinha, como se estivesse muito satisfeita da vida. Assim, porém, que os viu de novo por lá, a bruxa estremeceu e o seu sorriso transformou-se numa careta de cólera e desespero.

— Conseguiram voltar? — exclamou traindo os seus maus pensamentos.

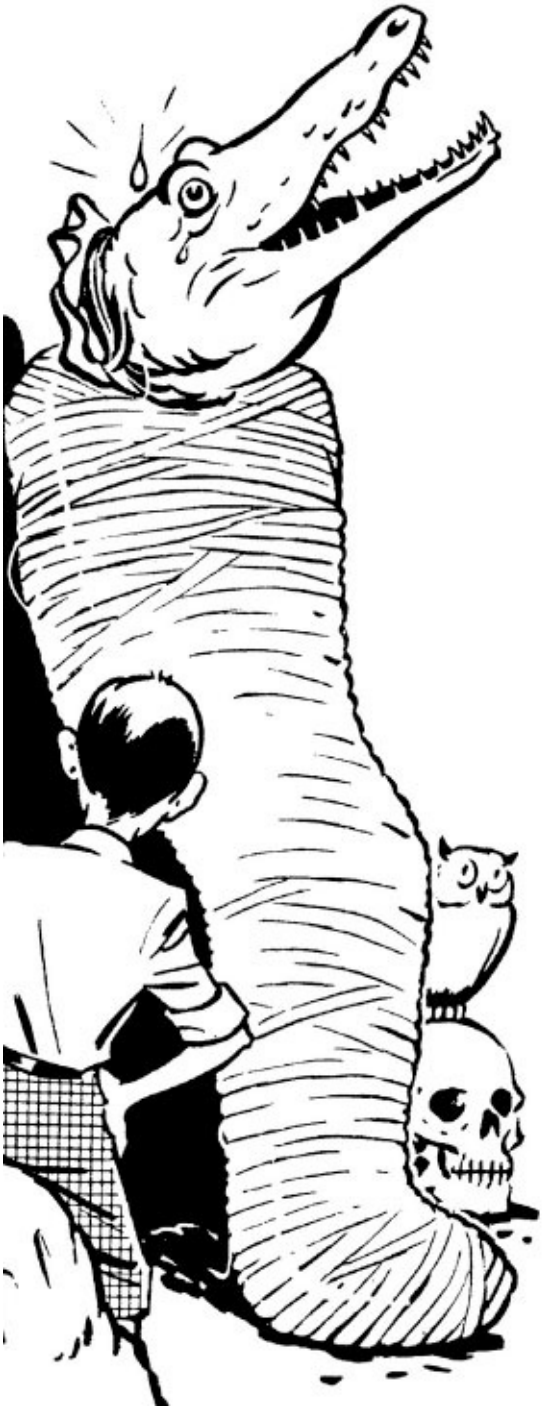
— Está claro que sim! — respondeu o Saci.

— E trouxeram o fio de cabelo da Iara?

— Está claro que sim! — repetiu o Saci. — Ei-lo aqui — disse, apresentando à horrenda megera o verde fio de cabelo da mãe-d'água.

A Cuca estorceu-se toda dentro do novelo de cipós num supremo arranco para libertar-se daquela prisão. Nada conseguindo, pôs-se a vociferar e a soltar pela horrível boca uma espuma venenosa.

Aquela história da Iara e do fio de cabelo tinha sido apenas um embuste de que lançara mão para perder o menino e o Saci, na certeza de que nenhum deles resistiria aos encantos da Iara. Mas vendo que se tinha enganado, debatia-se no maior acesso de cólera e desespero, sentindo-se completamente vencida. E por quem! Por um menino de nove anos e mais um sacizinho…



Entretanto, pérfida como era, tentou ainda usar da astúcia. Acalmou-se e disse, num tom muito amável:

— Muito bem. Mas esse fio de cabelo da Iara não basta para romper o encanto da menina. Preciso ainda de um fio de barba do Caipora.

— Perfeitamente, Senhora Cuca. Ali em cima daquelas estalactites está o fio

de barba do Caipora de que você precisa — disse o Saci, apontando para o pingo d’água. — Vou já buscá-lo…

Vendo pela firmeza das palavras do Saci que era inútil tentar enganá-lo pela segunda vez, a Cuca deu um profundo ai e confessou-se vencida.

— Meus parabéns. Vocês descobriram a única arma no mundo capaz de vencer uma Cuca — esse miserável pingo d’água… Farei como querem. Desencantarei a menina. Voltem ao sítio, procurem perto do pote d’água uma flor azul que lá deixei, arranquem-lhe as pétalas e lancem-nas ao vento logo ao romper da manhã. Narizinho, que deixei transformada em pedra, reaparecerá imediatamente.

— E se isso for um embuste como da primeira vez? — perguntou Pedrinho.

— Não é. Reconheço que fui vencida e que seria tolice teimar. Voltem ao sítio, façam o que eu disse e depois venham desamarrar-me. Juro que jamais perseguirei qualquer pessoa lá do sítio.

Desencantamento

A madrugada já vinha rompendo quando os dois aventureiros chegaram de novo ao sítio. Dona Benta e Tia Nastácia estavam ainda acordadas, porém mais calmas do que da primeira vez. Assim que os viram entrar, exclamaram ambas ao mesmo tempo:

— Trouxeram Narizinho?

— Sim, vovó — respondeu Pedrinho sem ter a certeza de que ela se desencantaria ou não. — Espere mais um minuto que vai ver de novo sua neta, forte e corada como sempre.

Falou e correu a ver se atrás do pote existia alguma flor azul.



Lá estava ela, a tal flor azul — esquisitíssima e diferente de todas as flores conhecidas. O menino tomou-a, desfolhou-a e lançou as pétalas ao vento, como a Cuca mandara.

Mal acabou de fazer isso, um fato maravilhoso se deu. Uma pedra do terreiro, que ninguém se lembrava de ter visto ali, principiou a inchar, a crescer e a tomar forma de gente. Segundos depois essa forma de gente começou a apresentar os traços de Narizinho, que, por fim, reapareceu tal qual era, forte e corada como Pedrinho o prometera a Dona Benta.



Foi uma alegria. As duas velhas atiraram-se à menina e choraram quantas lágrimas ainda tinham dentro de si — mas desta vez do mais puro contentamento.

— Então, minha filha, que foi que aconteceu? — perguntou Dona Benta.

Narizinho, ainda tonta, de pouco se recordava. Minutos após, entretanto, suas ideias principiaram a aclarar-se e pôde contar o que havia sucedido.

— Estou me lembrando — disse correndo a mão pela testa. — Foi assim. Eu estava com a Emília debaixo da jabuticabeira. De repente, uma velha, muito velha e coroca, aproximou-se de mim com um sorriso muito feio na cara.

"'Que é que a senhora deseja', perguntei-lhe naturalmente.

"'Desejo apenas oferecer à menina esta linda flor', respondeu ela, apresentando-me uma flor azul muito esquisita. 'Cheire; veja que maravilhoso perfume tem.'



“Eu, sem desconfiar de coisa nenhuma, cheirei a tal flor — e imediatamente meu corpo principiou a endurecer. Perdi a fala; virei pedra. De nada mais me lembro senão que, de repente, fui revivendo outra vez e aqui estou…”

Só então Dona Benta compreendeu que Pedrinho a tinha enganado para evitar que ela morresse de dor — e perdoou-lhe aquela boa mentira. Depois fez-lhe grandes elogios, quando soube do muito que ele tivera de lutar para que a horrenda Cuca revivesse a menina.



— Vejo, Pedrinho, que você é um verdadeiro herói. Essa proeza que acaba de realizar até merece aparecer num livro como uma das mais notáveis que um menino da sua idade ainda praticou.

— Espere, vovó — disse Pedrinho com modéstia. — Se a senhora emprega essas palavras para mim, que palavras empregará para o meu amigo Saci? Na verdade foi ele quem fez tudo. Sem a sua astúcia e conhecimento da vida misteriosa da floresta e dos hábitos da Cuca, eu sozinho nada teria conseguido. Absolutamente nada. Agradeça ao Saci, que não faz senão dar o seu ao seu dono, como diz Tia Nastácia.

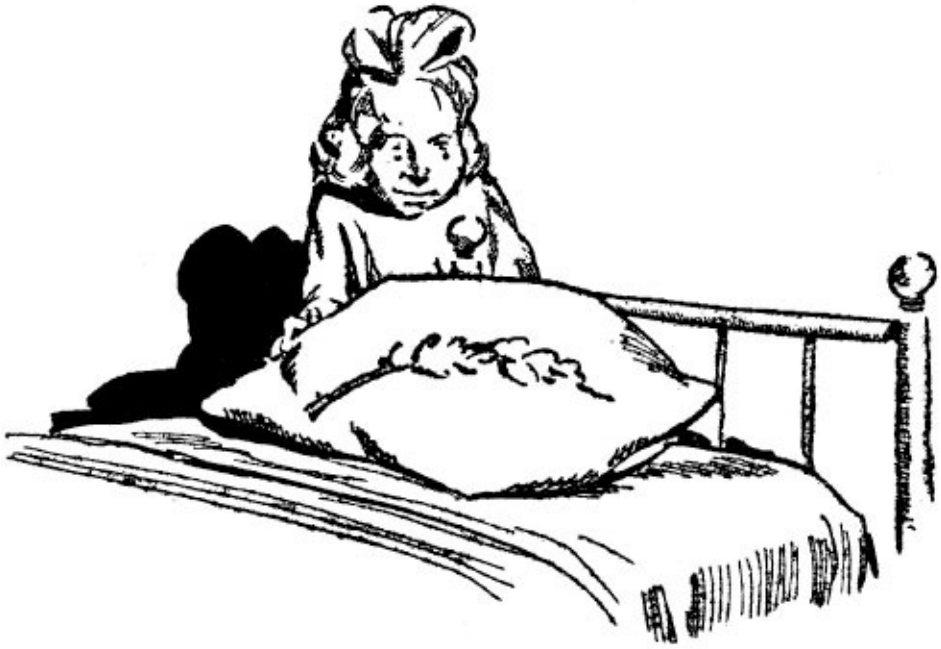
Todos se voltaram para o Saci. Mas…

— Que é do Saci? — exclamaram a um tempo. Procuraram-no por toda parte, inutilmente. O heroico duendezinho duma perna só havia desaparecido.

— Ingrato! — exclamou Narizinho com tristeza. — Foi-se embora sem nem ao menos despedir-se de mim…

De noite, porém, ao deitar-se, verificou que havia sido injusta. Em cima do travesseiro encontrou um raminho de miosótis que não podia ter sido posto lá senão pelo Saci. Miosótis em inglês é *forget-me-not*, que significa “não-te-esqueças-de-mim”.

— Que alma poética ele tem! — murmurou a menina comovida.



lobato e os sacis



DE ONDE VEM O SACI DE PEDRINHO

O saci fazia parte da imaginação de Lobato desde criança, por meio de histórias contadas pelas negras da fazenda de seu pai, no interior de São Paulo. Tanto foi assim, que seu primeiro livro, *O Sacy-Perêrê resultado de um inquérito*, publicado em 1918, foi dedicado “à memória da saudosa tia Esmeria, e de

quanta preta velha nos pôs, em criança, de cabelos arrepiados com histórias de cucas, sacys e lobisomens…” Monteiro Lobato não assinou a obra com seu nome, atribuindo a autoria a “Um Demonólogo Amador”. Ele queria deixar claro que não criara os casos ali narrados. A história desse livro, entretanto, começara dois anos antes.

Desde 1916, Lobato estava empenhado em popularizar o duende brasileiro — o “buliçoso negrinho de uma perna só”. Naquele início de século, parte da elite urbana brasileira passava ao largo da nossa cultura popular, com olhos voltados para tudo o que era estrangeiro nos campos da moda, das artes, da literatura, das lendas.



Anúncios de *O Sacy-Perêrê resultado de um inquérito*, desenhados por Voltolino.

“Pelos canteiros de grama inglesa há figurinhas de anões germânicos, gnomos do Reno, a sobraçarem garrafas de *beer*. Por que tais niebelungices, mudas à nossa alma, e não sacys-serêrêes, caaporas, mães d’agua, e mais

duendes criados pela imaginação popular?”, indagava Lobato em artigo escrito para a *Revista do Brasil*, de novembro de 1916, chamando a atenção para alguns dos hábitos importados.

ENTRE NOTÍCIAS DA GUERRA, O SACI

Em 28 de janeiro de 1917, o “Estadinho” — a edição vespertina do jornal *O Estado de S.Paulo* —, trouxe uma novidade: o colaborador Monteiro Lobato (que assinava apenas “L.”) lançava uma pesquisa sobre o demoniozinho brasileiro cujas traquinices eram conhecidas há gerações em todos os rincões do Brasil. Ele queria saber dos leitores quais os casos mais remotos envolvendo o saci de que se lembravam — histórias contadas pelos avós, pelos escravos, pelos antigos… Pois, como dizia Lobato, “em inquérito, todos falam, o estilo varia, o pitoresco aumenta”.

O inquérito sobre o Sacy-Perêrê apareceu no momento em que os jornais estavam ocupados com notícias da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Mesmo assim, foi um sucesso imediato entre os leitores. Segundo Lobato, o saci vinha “com suas diabruras aliviar-nos do pesadelo” da Guerra. “Bendito sejas! Estás perdoado de muitas travessuras por haveres interrompido, por um momento, em nossa imaginação, a hedionda sessão permanente de horror…”

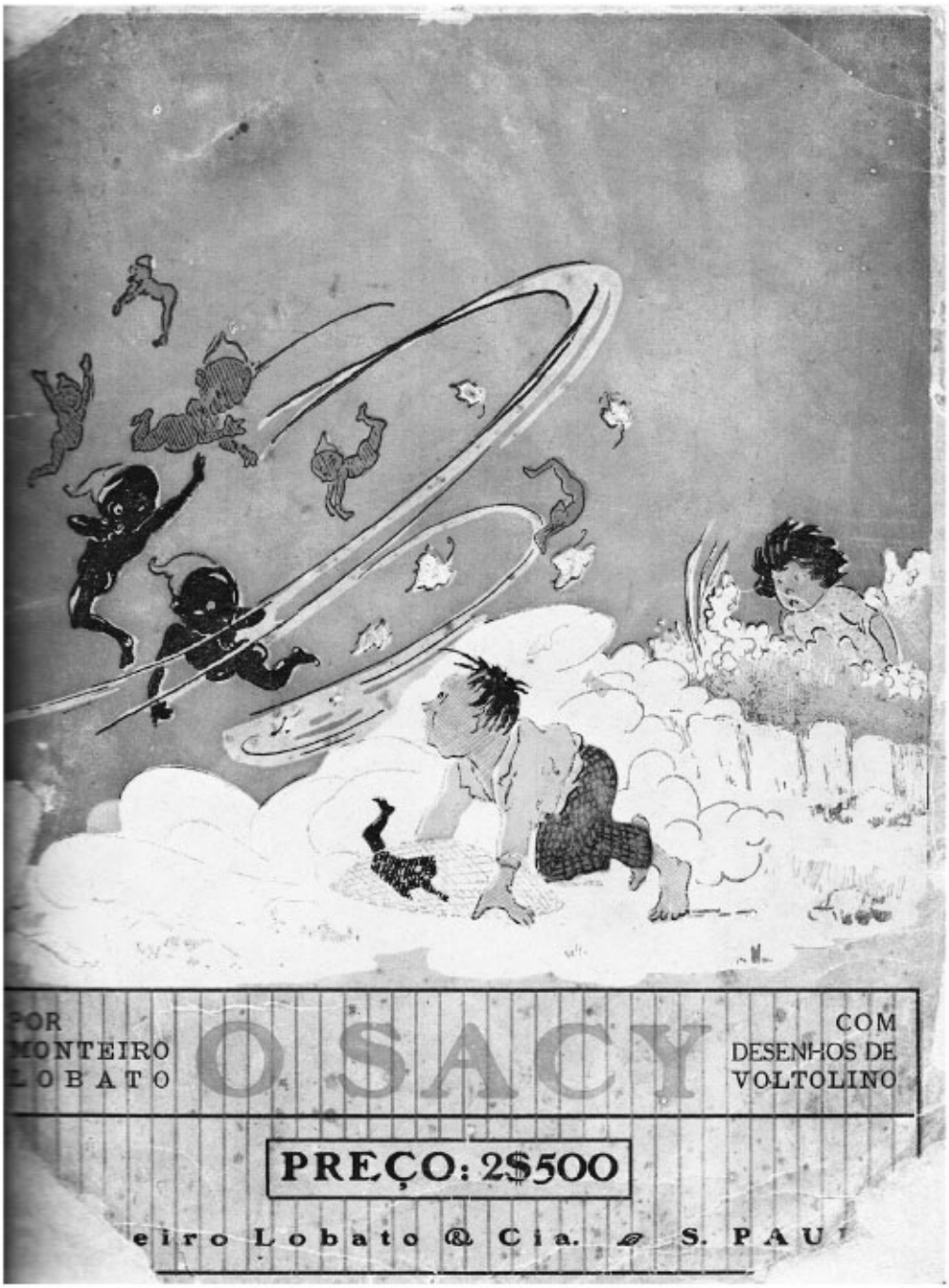
Uma vez lançado o inquérito, a redação do jornal passou a receber relatos de todos os cantos do país. O primeiro depoimento foi de uma senhora de “25 lindas primaveras” que, aos quatro anos, ouvira sua mãe descrever “mil vezes” o Saci-Pererê, um calmante para as horas de sono: “diabinho muito peludo, muito vivo e travesso; andava sempre de camisa vermelha e tinha uma perna só”. Já o senhor H.Q. dizia que as histórias ouvidas de Tia Marinha, Tia Chica e da velha Teodora tratavam o saci como um negrinho muito magro, esperto, do tamanho de um menino de 12 anos, muito feio, “benguela”, olhos vivos e rindo sempre um “riso velhaco”. Enquanto o senhor André Capeta completava o retrato do seu saci: trazia sempre numa das mãos um inseparável cachimbinho de barro.

Na caixa de correios de *O Estado de S. Paulo* chegavam cartas enviadas de Ribeirão Preto, Caçapava, Taubaté, Baependi, Sorocaba…, escritas por velhos,

meninos, pessoas simples, letrados, anônimos…, em prosa e em verso… E até um depoimento “do próprio saci”, morador da Várzea do Carmo! Nessa carta, o demoniozinho dizia que morava nos “arredores da Pauliceia” porque fora expulso da cidade pelas histórias da carochinha e dos “anões cervejeiros da nebulosa Germânia”.

Em 1918, Monteiro Lobato selecionou 74 desses depoimentos de leitores e os transformou no livro *O Sacy-Perêrê resultado de um inquérito*, bancado por ele próprio. Em carta ao amigo Godofredo Rangel, anunciou o livro feito “com material dos outros”. “Meu, só os comentários, prefácios, prólogos, epílogos.” Lobato, entretanto, muito provavelmente, não só reescreveu histórias como pode mesmo ter sido o autor de alguns dos casos.

Com o inquérito, o escritor atualizou a lenda do saci, tratou do folclore como algo vivo, pulsante e dinâmico, conforme atestou o folclorista Alceu Maynard Araujo em “Monteiro Lobato, o folclore e o çaa cy pererег”, artigo publicado pela revista *Fundamentos*, em 1948.



Capa da primeira edição de *O Saci*, desenho de Voltolino.

O SACI CHEGA AO SÍTIO

O rico material revelado pela pesquisa de 1917 transformou Lobato em uma

verdadeira autoridade sobre saci. O escritor escreve a Rangel, admirado: “eles vêm consultar-me sobre o saci, como se eu tivesse alguma criação de sacis na fazenda”.

Foi com esse conhecimento de causa (e de causos) resultante do inquérito que Lobato escreveu *O Saci*, lançado em 1921, com o objetivo de difundir a cultura popular entre o público infantil. Até 1944, o livro já tinha alcançado a tiragem de 60.000 exemplares. A cada nova edição, Monteiro Lobato reescrevia trechos da obra, com alterações na linguagem, mas sem alterar a história. Em sua primeira edição, *O Saci* foi publicado com apenas nove capítulos, mas na sua quarta edição, de 1932, o número tinha subido para 33! Em 1947, um ano antes de morrer, Monteiro Lobato organizou toda sua obra adulta e infantil. Nessa conformação definitiva, *O Saci* apresenta 28 capítulos — os mesmos 28 publicados nesta edição da Biblioteca Azul.

Magno Silveira

PEDRINHO E O SACY



QUE galanteza de cazinha! — diziam todos que passavam pela estrada ~~ao ver~~, lá no fundo da grota a casa de dona Benta. E era mesmo. Parecia um pombinho muito alvo pousado no meio dum bando de periquitos. ~~Veiu uma fada: viou o pombinho em casa e os periquitos em laranjeiras...~~

Na frente um terreiro bem varridinho, e atrás um cercado de páu a pique, com dois ~~capadetes~~ de meia ceva dentro, ~~a dormirem, num regalo~~.

E gallinhas por toda a parte — aquella gallinhada carijó !...

— E mastro, tinha ?

— Tinha, sim. Um bello mastro de São Pedro, com a bandeira desbotada pelas chuvas, ~~ringindo~~, quando dava o vento — "nhen, nhin"...

Dona Benta — que velhinha bôa! ... Narizinho Arrebitado e Pedrinho Pichochó faziam della gato e sapato, abusavam da entidade, que achava graça em tudo quanto ~~elles~~ faziam. Mas a tia Anastacia, essa ralhava a

Página da primeira edição de *O Saci*, com correções feitas pelo próprio Lobato.



VOLTOLINO

Voltolino (1884-1926), nome com o qual assinava Jõao Paulo Lemmo Lemmi, ilustrou o primeiro livro infantil de Monteiro Lobato, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1920. É considerado um dos grandes intérpretes do microcosmo infantil do escritor, com graciosas soluções de desenho e estilização – traços com nítida inspiração *art nouveau*.

A afiada antena de caricaturista, que tão bem detectava o desfile de tipos da São Paulo das primeiras décadas do século xx, está por trás da humanização dos impagáveis “bichorocos” — tanto o besourão de óculos e bengala como o

Príncipe Escamado de casaco vermelho e cartola, todos “vestidos” com o humor e a elegância das linhas decididas do ilustrador —, atuantes desde o primeiro livro infantil de Lobato, pois habitam a realidade de Narizinho e da boneca Emília. São dele também os desenhos da primeira edição de *O Sacy* (1921). Já para *Fábulas de Narizinho* e *Fábulas*, livros que vieram a seguir, Voltolino usou com maestria a técnica de silhuetas.



Voltolino foi o grande caricaturista da República Velha. Começou a trabalhar na imprensa paulista de língua italiana, mas logo passou a colaborar com as publicações satíricas ilustradas (*O Malho*, *O Parafuso*), tradição herdada do século anterior. A política e os políticos, a nova configuração social de um país que começava a se industrializar e as desigualdades afloradas com a emergência do proletariado urbano nunca saíam ilesos de seu nanquim ferino. Suas críticas ecoavam pelos cafés, bondes e esquinas das grandes cidades. A linguagem nova de suas caricaturas também empolgava os modernistas. Não à toa, trabalhou por sete anos (1911-1917) na revista *O Pirralho*, dirigida pelo escritor Oswald de Andrade.

*Ilustrações nas páginas: 29, 34, 37, 54, 56, 57, 59, 86, 92, 95, 99, 119, 121, 123, 126, 155, 156, 162, 163, 177, 186 e 189.

JEAN GABRIEL VILLIN

O “brasileirismo” do ilustrador Jean Gabriel Villin (1906-1979) sempre impressionou Monteiro Lobato. Nascido na França e naturalizado brasileiro, Villin foi um espécie de cartógrafo lírico da geografia lobatiana, concentrado não

somente na caracterização dos personagens, mas na ambientação profunda do mundo caipira. Em *Viagem ao Céu* (1934), apresentou a primeira visão panorâmica do sítio de Dona Benta. Em *O Sacy* (1932), Villin já tinha incluído na cena cabocla as bananeiras, os troncos descascados das goiabeiras e os onipresentes mastros de São João. Até mesmo o seu Pedrinho vira um caipirinha, com o calção remendado, em contraposição ao Pedrinho europeu de Kurt Wiese, vestido de marinheiro.

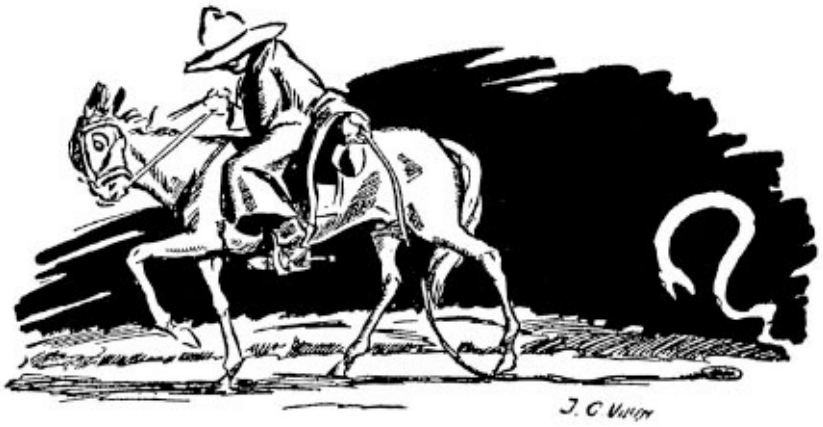


Alguns desenhos de Villin, com ênfase nas expressões faciais, acentuam a peraltice de Narizinho e sua turma. Onde há mais reinações e alegria do que na correria à caçada da onça ou no drible das feras, todos montados em perna de pau?

Villin chegou ao Brasil em 1925, aos 19 anos, para trabalhar como desenhista numa fábrica de louças, em Porto Ferreira (sp). Mudou-se depois para São Paulo, onde fez carreira na publicidade. “Comecei a ilustrar alguns livros de Lobato quando ele e J.U. Campos estavam em Nova York”, escreveu Villin. Segundo ele, “Lobato possuía uma grande sensibilidade artística e, embora deixasse o ilustrador à vontade, sabia perfeitamente o que convinha para os seus livros.” Da parte dele, dizia que sua produção artística era uma modesta contribuição ao seu país de adoção. Villin logo viria a se dedicar exclusivamente

à publicidade. Uma exceção foi a concepção arquitetônica e os desenhos do Marco Zero da Praça da Sé, inaugurado em 1934.

*Ilustrações nas páginas da edição impressa: 6, 7, 9, 11, 16, 21, 32-33, 34, 35, 36, 41, 43, 45, 51, 52-53, 58, 60, 64, 70, 73, 74-75, 76, 79, 80, 88-89, 96, 98, 105, 106, 114, 115, 124-125, 131, 135, 138, 147, 149, 153, 157, 158-159, 164, 165, 171, 173, 174, 182-183, 185 e 187.



J.U. CAMPOS

O artista gráfico e pintor Jurandyr Ubirajara Campos (1903-1972) ilustrou a maioria dos livros de Monteiro Lobato. Seus desenhos trouxeram para a cena editorial brasileira os traços e o vigor da publicidade americana. J.U. Campos, como assinava o artista, desenvolveu seu talento nas pranchetas do jornal *The New York Times*, em Nova York, em uma temporada de estudo e trabalho nos Estados Unidos.

Após sua volta ao Brasil, em 1930, ilustrou primeiramente *História do Mundo para as Crianças* (1933) e *Geografia de Dona Benta* (1935). Alguns desenhos têm caráter científico, enquanto outros são retratos de personagens históricos, nos moldes dos editados em livros didáticos. Pouco mais tarde, nos anos 1940, J.U. Campos se debruçou sobre os personagens do Sítio, promovendo uma competente releitura da obra pioneira de Voltolino. A influência americana pode ser constatada na composição de vários desenhos, mas é evidente nas capas da série *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944), que lembram as dos pequenos gibis de *western*.



J.U. Campos foi um dos introdutores da moderna arte da propaganda em São Paulo. Sua estada nos eua coincide com a de Monteiro Lobato, que foi adido comercial do Consulado Brasileiro em Nova York. Foi nesse período “nos Estados Unidos de Ford”, que J.U. Campos casou-se com Martha, filha de Lobato, dando ao escritor a neta Joyce.



No Brasil, o ilustrador passou a se dedicar à pintura com o incentivo do sogro, sob orientação de Pedro Alexandrino. Inicialmente, naturezas mortas, e depois, retratos e figuras. Suas obras receberam inúmeros prêmios e láureas. Reproduções de pranchas coloridas a óleo do pintor J.U. Campos acompanham todos os volumes da obra completa de Lobato.

*Ilustrações nas páginas da edição impressa: 15, 44, 49, 63, 66-67, 102, 104, 109, 110-111, 113, 129, 139, 145, 151 e 178.



ANDRÉ LE BLANC

O trabalho de André Le Blanc (1921-1998) foi hercúleo: ilustrar a obra completa de Monteiro Lobato, publicada em 1947, em 17 volumes, tal como o escritor havia organizado. O único título que Le Blanc não desenhou foi *Os Doze Trabalhos de Hércules*, que ficou por conta de J.U. Campos.

Os traços de Le Blanc, de contornos americanos, acabaram sacramentando a "fisionomia" de cada um dos personagens do Sítio e ainda hoje servem de referência para outros desdobramentos midiáticos da obra lobatiana. Para gerações e gerações de leitores, Visconde de Sabugosa e Emília são aqueles retratados por Le Blanc.

Nascido no Haiti, Le Blanc emigrou para os Estados Unidos, onde foi educado. Nos anos 1940, foi assistente do célebre quadrinista Will Eisner, em *The Spirit*, e de Sy Barry, em *O Fantasma*. Foi aclamado por seu trabalho com Flash Gordon e por inúmeras tiras para jornais. Numa segunda temporada, já no final dos anos 1950, criou personagens para os estúdios de Hanna Barbera e concebeu muitos Mandrakes. Le Blanc é internacionalmente reconhecido pelas centenas de ilustrações coloridas para uma Bíblia "épica", editada nos anos 1960. Mestre da linguagem dos quadrinhos, Le Blanc deu aulas na Escola de Artes Visuais de Nova York.

Casado com a diplomata brasileira Elvira Telles, Le Blanc veio para o Brasil no final dos anos 1940, e foi um dos primeiros professores do Museu de Arte Moderna do Rio. Maurício de Sousa, o pai da Mônica, foi seu aluno. Le Blanc atuou ainda como repórter dos jornais *Correio da Manhã* e *O Globo*.

Além de ilustrador da obra completa de Lobato, Le Blanc é conhecido pela adaptação em quadrinhos de clássicos de nossa literatura, a popular *Edição Maravilhosa*, que seguia os moldes da *Classics Illustrated*. Na coleção brasileira há desde uma versão de *Ubirajara* (1952), de José Alencar, a *Menino de Engenho* (1955), do escritor José Lins do Rêgo. Algumas edições de *Maravilhosa* já tinham ultrapassado fronteiras, com Shakespeare e outros mestres. Le Blanc teve seu trabalho reconhecido pelo governo brasileiro ao ser condecorado com a medalha Cruzeiro do Sul.

*Ilustrações nas páginas da edição impressa: 1, 2-3, 5, 13, 18, 24, 27, 30, 31, 39, 40, 47, 68-69, 83, 85, 90, 93, 107, 116-117, 133, 142-143, 168 e 181.

Magno Silveira



